

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

FERNANDA MAIATO-CHAGAS

Necropolítica e a História da Cor do Céu da Minha Pele

Porto Alegre
2021

FERNANDA MAIATO-CHAGAS

Necropolítica e a História da Cor do Céu da Minha Pele

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Psicóloga.

Orientador: Prof. Dr. Luis Artur Costa

Porto Alegre

2021

Nome: Fernanda Maiato-Chagas

Título: Necropolítica e a História da Cor do Céu da Minha Pele

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Psicóloga.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Emiliano de Camargo David

Psicanalista

Integrante do Instituto AMMA Pique e Negritude

Doutorando em Psicologia Social PUC-SP

CARTA-CONVITE À LEITURA E AGRADECIMENTOS

Há uns anos atrás conheci a obra *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal* do incrível geógrafo brasileiro Milton Santos. Nem sei dizer como chegou até mim, mas acho que tem a ver com o fato de eu amar geografia e geopolítica. Os conceitos e os raciocínios propostos pelo sensível intelectual Milton, nesse livro, eram complexos e difíceis de acessar, indicando uma discussão mais profunda do que ele poderia apresentar em 174 páginas. Porém, eu guardava as doces e resistentes palavras que compunham a Introdução do livro e que afirmavam que a leitura era para ser feita não só por pessoas familiarizadas com a Geografia ou intelectuais, mas pelo “vasto mundo”. Ali expressa “uma vontade de explicar os problemas e as dores do mundo atual” e ao mesmo tempo ser uma escrita “portadora de razões objetivas para prosseguir vivendo e lutando”. Seguindo a busca, tentando me aproximar das análises geopolíticas propostas pelo autor, encantada pela delicadeza e criticidade de Milton, li uma reportagem em que uma amiga sua, ao falar de *Por uma outra Globalização*, questiona-se e questiona Milton rindo carinhosamente que o livro destinado ao *vasto mundo* tinha conceitos muito complexos. Como quem diz “ta! mas quem aí sabe o que é ‘unicidade da técnica’, ‘convergência dos momentos’, cognoscibilidade do planeta’...??

"Por uma outra globalização (2000) é o primeiro livro que ele fala 'Adélia, eu vou escrever um livro fácil para quem não for geógrafo entender, qualquer cara do povo entender'. Eu disse 'Milton, você acha que alguém vai entender a mais-valia mundial, a convergência dos momentos, a unicidade técnica do planeta?' Eu disse 'ninguém entende isso, Milton'."¹

Me identifiquei muito com o comentário de Adélia, porque mesmo lendo e amando a leitura, não sei dizer se realmente entendia. Contudo, me identifiquei mais ainda com Milton. Com a doçura ingênua e sagaz dele. Com, acima de tudo, a aposta no vasto mundo (mesmo esse não merecendo muito não). Com a esperança. Com o que ele chama de solidariedade. Não sei se o vasto mundo ou se qualquer pessoa do povo vai entender o que é *Necropolítica*. Não sei se vai fazer sentido ou se vai ser interessante, mas a grande aposta aqui é no *sentir* e no *transformar*. No *tocar* e no *escutar*. No *desacomodar* e no *movimentar*. Tudo isso numa produção de sensibilidade afetiva singular que cada pessoa estabelecerá de maneira única ao tomar para si a tarefa de ler esse texto. Me inspiro no genial Milton para compartilhar algumas das dores, cicatrizes e graves problemas do mundo atual, sem largar de mão a esperança em/para seguir vivendo e lutando. Com muito carinho cito Milton Santos, o grande geógrafo brasileiro, negro, conhecido no mundo inteiro. Sensível e extremamente crítico. Doce e insurgente.

¹ Disponível em:

<<https://www.brasildefato.com.br/2019/05/03/o-legado-de-milton-santos-um-novo-mundo-possivel-surgira-das-periferias>> Acesso em: 07 abr. 2021.

[...] o problema crucial é: como passar de uma situação crítica a uma visão crítica - e, em seguida, alcançar uma tomada de consciência. Para isso, é fundamental viver a própria existência como algo unitário e verdadeiro, mas também como um paradoxo: obedecer para subsistir e resistir para poder pensar o futuro. Então a existência é produtora de sua própria pedagogia. (Santos, 2020, p. 116)

Ao longo do texto as citações terão função de produzir diálogo entre eu e as/os autoras/es e entre elas/es também. Pensando nisso, os agradecimentos terão papel importantíssimo. Sendo eles a afirmação da existência de muitas vozes-pessoas que me habitam e que não serão citadas formalmente por pura questão de normas textuais, onde quem não joga o jogo da panelinha científica parece não compor o conhecimento que produzimos. Na contramão disso, deixo aqui o registro de quem caminha comigo, me vive e vive em mim, fazendo e sendo parte de quem sou e do que produzo.

Agradeço à minha mãe, Liane, e ao meu pai, Flávio. Pela dedicação, proteção, cuidado e amor. À minha mãe, especialmente, por falar como eu era inteligente toda vez que eu compartilhava os pequenos-imensos conhecimentos de criança miúda desbravadora do mundo. Ler para mim e inventar histórias para eu e minha irmã dormirmos. Ao meu pai pela tranquilidade inspiradora. Sabedoria silenciosa e delicada, tímida e singular.

À minha irmã, Gabriela, pelas risadas e, embora muitas brigas, me ensinou muito sobre o mundo e a nunca desistir.

À Giovanna, minha irmã de coração. Pelo amor, pela proteção, pela parceria, pelo carinho, pelo trilhar e tecer redes-caminhos-labirintos juntas. Superar e vencer. Amar e lutar. Viver uma a outra, as dores e as risadas de doer a barriga. Os pagodes e os corres. Os sábados e as segundas. Por me ensinar a ser leve.

À Danielle, meu lar-pessoa, pelo amor, carinho, respeito e admiração. Por me enxergar com olhos de amor e sustentar a legitimidade desse ponto de vista. Por me ensinar a ser doce e jeitosa. Me inspirar com sua força e afetividade.

À Sofia, Bryan, Yuri, Maurício, Marina, Antônia, Ana Luísa, Vladimir e Eduarda. Pelas batalhas travadas durante a graduação em Psicologia. Por serem o grupo mais acolhedor e implicado que eu já fiz parte. Pelo amor, pela amizade, pela garra e pela busca ativa por um mundo mais justo e menos desigual. Por apostarem na coletividade e no cuidado mútuo como caminho possível contra o apartheid diário e silencioso que vivemos ao longo do curso.

Ao Coletivo Psicopreta que, fundado por estudantes negras/os do curso de Psicologia da UFRGS, foi essencial para que eu pudesse suportar a experiência da graduação. Por lutarmos contra o racismo e outras formas de opressão juntas/os. Pelas fissuras que produzimos no curso, no currículo e em quem esteve disposta/o a esse encontro. Por ser um lugar de acolhimento, produção saúde, carinho e luta.

À ancestralidade, familiar, espiritual e de luta. Do continente africano até a diáspora. Por aguentar firme, por ser força que sustenta a passagem e sonha um mundo mais justo para nós pretas/os.

Ao Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS UFRGS) e todas/os que lhe compõem. Por me ensinarem a abraçar a consciência da negritude e enfrentar a colonialidade acadêmica. Pela equipe que formamos, pelo respeito, pela aposta. Pelas vezes que chorando cheguei e fui recebida com chá, incensos, abraços apertados, carinho e doces palavras. Por serem um espaço de luta e resistência, um ator essencial na história da UFRGS e na vida de tantas/os estudantes, especialmente negras/os.

Ao meu orientador Luis Artur Costa. Por ter apostado em mim e no meu colega Bryan quando brigamos com o mundo, no terceiro semestre, ao perceber que o racismo não ficava do lado de fora da porta da faculdade. Por apostar em nós. Por comentar atenciosamente cada página dos nossos trabalhos, afirmando interlocução e escuta. “Presença”, como ele mesmo prefere. Por ser um professor incrível, disposto, sensível e sensato. Por impulsionar minha escrita e me acolher tão delicadamente nos encontros do TCC.

À professora Raquel Silveira, que me acolheu, me apresentou incontáveis autoras/es negras/os e confiou em mim e no meu processo.

À professora Miriam Alves. Pela aposta e o trabalho juntas.

Aos espaços que passei durante a graduação e todas as pessoas e os afetos que estiveram presentes, sendo fonte de transformação acadêmica e além disso, passando por equipes e pacientes. À Casa dos Cata-Ventos, à Fundação de Atendimento Sócio-educativo (FASE RS), à Equipe Especializada em Saúde da Criança e do Adolescente (EESCA GCC), à Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, ao Quilombo São Roque (Programa Convivência - DEDS), ao É'léléko (UFPel).

Aos espaços formativos não acadêmicos, como a rua, o terreiro, os pagodes, os funks, os bailes de rua, os encontros de família. Essenciais para mim, que eu guardo o carinho, o respeito e a intelectualidade de cada um desses. Por serem ponte do meu encontro com a minha negritude. Todos atravessados pela dureza do racismo, mas, acima de tudo, pelo desejo de vida e de viver. Superar e seguir.

À Iemanjá, Xangô, Maria Mulambo e Vó Conga. Às minhas e a todas entidades que nos permitem viver e não nos deixam cair.

A todas e todos que me habitam e vivem em mim. A todas e todos que aquilombando esperanças me fazem viver com teimosa confiança em dias melhores. Por todas e todos.

RESUMO

Maiato-Chagas, F. (2021)

O presente trabalho, intitulado *Necropolítica e a História da Cor do Céu da Minha Pele*, tem como objetivo, através de uma composição múltipla de textos-fragmentos-artes-intervenções, dissertar sobre parte dos processos necropolíticos na diáspora brasileira e suas diferentes dimensões de ataque, compreendidas como um circuito de violências raciais que vão desde as estruturais “silenciosas” no dia-a-dia, passando pela política de estigma, até as violências físicas, tão comuns no cotidiano brasileiro, bem como os diferentes modos de resistir a tais violências. Através disso, será trazido brevemente para a discussão aspectos indispensáveis na análise, em diferentes vias possíveis, do conceito sempre em movimento *negritude*. Longe de qualquer pretensão essencialista, serão abordadas hipóteses já estudadas por outras autoras e outros autores que trabalharam/trabalham tais questões, costurando-as, entre fragmentos artístico e literários, à análise de cenas- experiências-respostas narradas nos questionários da pesquisa *Necropolítica e População Negra: problematizações sobre racismo e antirracismo e seus desdobramentos em tempos de pandemia e pós-pandemia da Covid-19*.

Palavras-chave: Necropolítica; Colonialidade; Negritude; Psicologia; Resistência.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. “DEVE HAVER UMA MANEIRA DE NÃO MORRER TÃO CEDO E DE VIVER UMA VIDA MENOS CRUEL”: NECROPOLÍTICA E POPULAÇÃO NEGRA	12
3. NECROPOLÍTICA	16
4. PSICOLOGIA COMO UMA CIÊNCIA DA COLONIALIDADE	22
5. NEGRITUDE	27
6. ESTADO + NEGRIT.X = MORTE	31
7. O PESQUISAR, A PESQUISA E O EXTRAPOLAR DA PESQUISA COMO METODOLOGIA	36
8. CAMINHOS-PISTAS: EU NÃO VOU MORRER!.....	43
9. NARRATIVA-DIÁLOGO PESQUISA	59
REFERÊNCIAS	



Lembranças do encontro de acolhimento de calouras/os negras/os da Psicologia da UFRGS pelo Coletivo Psicopreta

“Nós, os negros, temos sido obrigados a esquecer durante muito tempo nossa história e nossa condição. Por que ficarmos quietos, silenciosos e perdoarmos ou esquecermos o holocausto de milhões sem conta - cem, duzentos, trezentos milhões? - de africanos (homens, mulheres, crianças) friamente assassinados, torturados, estuprados e raptados por criminosos europeus durante a escravidão e depois dela? Ou será que não devemos clamar nem reclamar, cooperando com os escravocratas de ontem e de hoje, já que para os europeus a escravidão constituiu o "passo necessário" à fundação e desenvolvimento do capitalismo, sendo este a etapa obrigatória rumo ao “paraíso” socialista? Podemos ler as páginas da história da humanidade abertas diante de nós, e a lição fundamental que nos transmitem é de uma enorme fraude teórica e ideológica articulada para permitir que a supremacia euro-norte-americana pudesse consumir sua imposição sobre nós; e seu ditame econômico, sociocultural, ideológico e político nos modelasse qual uma camisa de força inevitável.”

(Nascimento, 2020a, p. 41)

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo, através de uma composição múltipla de textos-fragmentos-artes-intervenções, dissertar sobre parte dos processos necropolíticos² na diáspora brasileira e suas diferentes dimensões de ataque, compreendidas como um circuito de violências raciais que vão desde as estruturais “silenciosas” no dia-a-dia, passando pela política de estigma, até as violências físicas, tão comuns no cotidiano brasileiro, bem como os diferentes modos de resistir a tais violências. Através disso, será trazido brevemente para a discussão aspectos indispensáveis na análise, em diferentes vias possíveis, do conceito sempre em movimento *negritude*. Longe de qualquer pretensão essencialista, serão abordadas hipóteses já estudadas por outras autoras e outros autores que trabalharam/trabalham tais questões, costurando-as, entre fragmentos artístico e literários, à análise de cenas- experiências-respostas narradas nos questionários da pesquisa *Necropolítica e População Negra: problematizações sobre racismo e antirracismo e seus desdobramentos em tempos de pandemia e pós-pandemia da Covid-19*.

A pesquisa supracitada, da qual faço parte, foi desenvolvida pela Prof^ª. Dr^ª. Míriam Cristiane Alves, através do Núcleo de Estudos e Pesquisas É'LEÉKO³ e tem tido a colaboração de outras pesquisadoras-graduandas em Psicologia da UFPel. A pesquisa está disposta em

² Ressalto que este trabalho não pretende ser um trabalho sobre os conceitos de necropolítica e necropoder. Assim, a diferenciação entre ambos, se faz menos relevante, pois nos concentraremos no campo das práticas necropolíticas afirmadas desde uma perspectiva do necropoder. Trata-se, assim, não de um trabalho sobre o conceito, mas a partir do conceito, produzindo variações do mesmo na análise de algumas experiências no mundo. Para Mbembe (2016), “a ocupação colonial tardia difere em muitos aspectos da primeira ocupação moderna, particularmente em sua combinação disciplinar, biopolítica e necropolítica. A forma mais bem sucedida de necropoder é a ocupação colonial contemporânea da Palestina” (p.135-136). E, através do autor, Renato Nogueira (2018) sintetiza a proposta de análise dos conceitos. “Ora, podemos parafraseá-los a respeito de necropoder e necropolítica no pensamento mbembiano. A necropolítica faz parte do necropoder, Mbembe não a usa como sinônimos. (...) Pois bem, o necropoder é a articulação e condensação de poder disciplinar, biopolítica e necropolítica” (Nogueira, 70).

³ criado em 2017, através do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, o Núcleo É'léeko foi pensado como um espaço de discussão, problematização, teorização, produção e intervenções sobre epistemologias, metodologias e subjetividades negras a partir do que vem sendo chamado de Pensamento Negro Descolonial. Sua proposta é promover um espaço de discussão e reflexão que reúna diferentes perspectivas teóricas e políticas em torno do antirracismo, cujos deslocamentos, desdobramentos e agenciamentos epistêmicos têm o intuito de estimular reflexões. Entre tais reflexões, (re)pensar a necessidade de formação de novas redes intelectuais na produção do conhecimento. Em 2019, tendo a professora Míriam sido convidada para dar aula no PPG Psicologia Social e Institucional da UFRGS, o Núcleo ganha um braço e é expandido contemplando estudantes de graduação e pós-graduação da UFRGS. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/eleeko/sobre-o-eleeko/>>. Acesso em: 02 out. 2020.

formato de questionário estruturado *online*, dividido em cinquenta e três perguntas objetivas e dissertativas que procuram mapear dados da população negra dentro e fora do contexto da pandemia de Covid-19 (OMS 2020). Apenas pessoas negras (pardas e pretas) foram convidadas a participar, assim como apenas pessoas negras fazem parte da equipe de trabalho que vem se debruçando sobre os questionários e o processo pesquisar-apre(e)nder em questão. As perguntas vão desde orientação sexual, escolaridade, idade, renda aproximada, ocupação, até indagações sobre a percepção de episódios explícitos de racismos cotidianos e situações específicas vivenciadas na pandemia. As narrativas-respostas-pessoas ganharão um corpo sensível em um formato de conversa, uma voz que amontoa a multiplicidade de vivências, sem essencializar ou apagá-las, mas compreendendo o tanto de existências que habitam e vivem cada uma/um de nós.

A partir do contexto delimitado pelas necropolíticas será proposto uma análise sobre o posicionamento da Psicologia enquanto uma ciência ocidental e suas repercussões práticas e epistemológicas no contexto acima referido. Trabalhando de modo dialógico entre a formação acadêmica e a prática de tal área do conhecimento, estabelecendo estreitas e complexas articulações entre os livros-teorias da psicologia e as experiências de atuação como uma psicóloga em formação durante meus anos no curso. Para tanto, será trazido cenas e experiências as quais possibilitam tensionar e deslocar as definições e práticas coloniais da psicologia.

A parte em questão terá o devido cuidado de não generalizar, contudo, olhará de maneira não leviana, considerando a seriedade das problemáticas e questões trazidas ao longo da escrita. Tendo em vista a Psicologia enquanto minha área de graduação e, também, lentes pelas quais acessei diversas discussões e posicionamentos e pude me reconhecer no lugar de conhecimento, inclusive validando a posteriori epistemes desconsideradas por uma perspectiva ocidental - colonial-, que (até pouco tempo) ditava exclusivamente quem/o que merece o estatuto de ciência.

Sendo assim, isso tudo estará, para o trabalho num todo, como sustentáculo para a elaboração de um campo de visibilidade e de reflexões acerca das práticas de resistência erigidas pela população negra. As seguintes indagações não serão respondidas pelo ensaio, mas tê-las caminhando junto com a leitura pode ser um acompanhante potencializador de questões que possam surgir. Entre elas, que estratégias, da ordem do ser e existir física e subjetivamente, são possíveis diante de um Estado de necropolítica? O que habita o ancestral, a mitologia e a matriz

africana, rompendo/subvertendo o eurocentrismo epistêmico, e possibilitando a resistência? Quais contribuições nos são ofertadas para construir transformações naquilo que é feito através da Psicologia? A serviço de que(m) a Psicologia tem se colocado na sua prática e enquanto formação universitária?

Encerro a introdução deste ensaio agradecendo quem veio antes de mim, abrindo e construindo caminhos possíveis. Especialmente a quem contribuiu para que hoje pensemos em Psicologias Descolonizantes. Frantz Fanon, Lélia Gonzales, Neusa Santos Souza, Isildinha Baptista, Maria Aparecida Bento, Grada Kilomba, entre tantas/os outras/os. Aos que eu tive o prazer de ver e ouvir de perto, Miriam Cristina Alves, Emiliano de Camargo David, Deivison Faustino, Lucas Veiga. Ao Coletivo Psicopreta, do qual faço parte, que tem feito esse mesmo esforço e movimentado o curso e a grade curricular da Psicologia da UFRGS. Que, como aprendi com vocês, nossas Psicologias sejam um eterno movimento de subversão e transgressão do cânone ocidental, um contínuo movimento de Sankofa⁴(r) e um dinâmico movimento exusíaco⁵. Abrindo caminho, escutando as vivências, despachando as violências coloniais, reinventando a vida, ritualizando os movimentos e o cuidado, encantando mundos, aquilombando esperanças.

⁴ Sankofa um dos adinkra, conjunto de ideogramas que compõem a escrita dos povos Akan da África Ocidental. Significa que nunca é tarde para voltar e recolher o que ficou para trás. Fala sobre a necessidade de ouvir o passado e o que ele habita para ressignificar o presente e, assim, forjar futuros possíveis.

⁵ Referente a Exu. Exu é o princípio dinâmico fundamental a todo e qualquer ato criativo. É o orixá da comunicação, é dinâmico, faz da encruzilhada campo de batalha e possibilidades. Reinvenção.

2. “DEVE HAVER UMA MANEIRA DE NÃO MORRER TÃO CEDO E DE VIVER UMA VIDA MENOS CRUEL”⁶: NECROPOLÍTICA E POPULAÇÃO NEGRA

“Penso no risco que estou correndo. Risco não, tudo já é certo. A solução está definida. O destino traçado. Não há recuo. Não estou aflito. Não estou desesperado. Não estou calmo. Não estou inocente ou culpado. Apenas estou sabendo que daqui a pouco, questão de um dia e meio, não estarei mais. Nem eu, nem ele. Acabo com ele, mas isto não resolve. Outros acabarão comigo. Nosso trato de vida virou às avessas. Morremos nós, apesar de que a gente combinamos de não morrer.”

(Evaristo, 2016, p. 106)

Se fosse possível seria trazido todo o conto *A Gente Combinamos de Não Morrer*, vírgula por vírgula, para nos auxiliar na tarefa de composição e complexificação desse ensaio. Creio não ser permitido pela APA⁷ (American Psychological Association) ou pelos códigos, explícitos e implícitos, desse mundo científico textualizado. Contudo, a leitura do conto no livro *Olhos D'água*, da incrível Conceição Evaristo (2016), pode produzir um efeito-afeto importante e até mesmo necessário para a leitura a seguir. Assim como Conceição no conto em questão, esse trabalho pretende falar sobre morte, vida, combinados, sujeitos que morrem, sujeitos que matam, sujeitos que vivem, sujeitos que subvertem a morte. A partir da formação em Psicologia e das inúmeras formações, aprendizagens e desaprendizagens, vivenciadas e acolhidas por diversos percursos que atravessei até aqui, falarei sobre os processos instituídos como norma, de um aparelho de Estado colonial, de produzir a morte constante e multi diversa da população afro diaspórica no Brasil.

O interesse no tema pode ser pensado como desejo de intervenção nesta norma, assim como diversos dispositivos e estratégias desenvolvidas pela população africana e afro diaspórica ao longo desses séculos de tráfico transatlântico, genocídio, exploração, escravização e

⁶ frase pinçada do conto *A Gente Combinamos de Não Morrer* de Conceição Evaristo.

⁷ referência mais utilizada na formatação de artigos e trabalhos acadêmicos na área da Psicologia

humilhação. Intervenção, aqui, no sentido clínico mesmo⁸. Intervenção como possibilidade de posicionamento ou marca que abre sentido, desloca significantes, desdobra, produz questões e faz pensar.

Para tal intervenção, contarei com o conceito de Necropolítica: contarei no sentido de me sustentar analiticamente neste conceito; contarei por meio de narrativas nas quais ele aparece e é deslocado; e, contarei quantitativamente a diferença entre Biopolítica e Necropolítica. Diferença essa, nítida na primeira frase trazida por Dorvi que abre esse texto: “Penso no risco que estou correndo. Risco não, tudo já é certo”. O que estamos contando aqui é sobre a ausência de negociação, sobre um jogo jogado.

⁸ de maneira bastante superficial, pode-se pensar em intervenção como algo além da interferência. A intervenção, como exercício polissêmico, é um tecer mútuo de processos mutantes que, justo por não poder ser resumida ao encontro de unidades distintas, não pode ser pensada como uma mudança antecipável. Operando no plano dos acontecimentos, ela, a intervenção, guarda sempre a possibilidade do ineditismo das experiências, e quem pesquisa/guia o processo, guarda a disposição que acompanha e permite o surpreender-se. (Paulon, 2005).

um.	vinte e três.
dois.	vinte e quatro.
três.	vinte e cinco
quatro.	vinte e seis.
cinco.	vinte e sete.
seis.	vinte e oito.
sete.	vinte e nove.
oito.	trinta.
nove.	trinta e um.
dez.	trinta e dois.
onze.	trinta e três.
doze.	trinta e quatro.
treze.	trinta e cinco.
quatorze.	trinta e seis.
quinze.	trinta e sete.
dezesesseis.	trinta e oito.
dezessete.	trinta e nove.
dezoito.	quarenta.
dezenove.	quarenta e um.
vinte.	quarenta e dois.
vinte e um.	quarenta e três.
vinte e dois.	quarenta e quatro.

quarenta e cinco.	sessenta e três.
quarenta e seis.	sessenta e quatro.
quarenta e sete.	sessenta e cinco.
quarenta e oito.	sessenta e seis.
quarenta e nove.	sessenta e sete.
cinquenta.	sessenta e oito.
cinquenta e um.	sessenta e nove.
cinquenta e dois.	setenta.
cinquenta e três.	setenta e um.
cinquenta e quatro.	setenta e dois.
cinquenta e cinco.	setenta e três.
cinquenta e seis.	setenta e quatro.
cinquenta e sete.	setenta e cinco.
cinquenta e oito.	setenta e seis.
cinquenta e nove.	setenta e sete.
sessenta.	setenta e oito.
sessenta e um.	setenta e nove.
sessenta e dois.	oitenta.

9

⁹ Matéria: *80 Tiros: Delegado diz que 'tudo indica' que Exército fuzilou carro de família [negra] por engano no Rio*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/80-tiros-delegado-diz-que-tudo-indica-que-exercito-fuzilou-carro-de-familia-por-engano-no-rio/>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

3. NECROPOLÍTICA

“Sim, valeria a pena estudar, clinicamente, em detalhes, os passos de Hitler e do hitlerismo e revelar ao burguês muito distinto, muito humanista e muito cristão do século XX que ele carrega consigo um Hitler sem saber, que Hitler *vive nele*, que Hitler é seu *demônio*, que se ele o vitupera, é por falta de lógica e, no fundo, o que ele não perdoa em Hitler não é crime em si, o crime contra o homem, não é a humilhação do homem em si, é o crime contra o homem branco, é a humilhação do homem branco, é de haver aplicado à Europa os procedimentos colonialistas que atingiam até então apenas os árabes da Argélia, os *coolies* da Índia e os negros da África.”

(Césaire, 2020, p. 18)

Achille Mbembe (2016), teórico político, professor, historiador e filósofo camaronês, propõe o conceito de Necropolítica, que faz parte de um trabalho mais extenso presente no livro *Políticas da Inimizade*, como uma extrapolação dos conceitos foucaultianos de biopoder e biopolítica. Em seu ensaio *Necropolítica*, Mbembe disserta propondo um itinerário entre diferentes filósofos e conceitos a fim de pensar uma leitura da política, da soberania e do sujeito não só através da razão, princípio moderno, mas também a partir de categorias mais táteis e menos abstratas, como vida e morte (Mbembe, 2016). O autor percorre, também, os caminhos das guerras desde antes da invasão e colonização das ditas Américas e do continente africano até as guerras da era globalizada. O que Mbembe nos apresenta é a inseparabilidade desses conceitos -Estado, soberania, sujeito, vida e morte- e de sua presença na vida da humanidade em diferentes contextos e períodos históricos. No aqui-agora, vamos pensar morte e vida como efeitos políticos garantidos pelo Estado, mas também assegurados “democraticamente” pela instrumentalização e interiorização de perspectivas, movimentos subjetivos, fincados numa (não) sensibilização, que alimentam e conservam valores-convicções nas populações.

Biopoder, como uma virada na forma de produção de governo sobre os corpos e territórios europeus, saindo de uma lógica da soberania dos grandes ritos de exercício de poder pelos suplícios (fazer morrer aos que transgridem as leis e deixar viver aos que as seguem), adentra em um território da produção de modos de vida específicos a partir de uma certa definição de vida desde uma perspectiva moderno-colonial por meio de tecnologias como as relações de poder Disciplinares (ações de reformas sobre os corpos desde normas) e Biopolíticas (ações de modulação das populações) (Foucault, 2008). Esse conceito, embora bem aceito pelos

sistemas epistemológicos coloniais - onde o branco-humano tem sua existência contemplada e isso basta-, nunca foi suficiente para pensar como os modelos políticos produzem e reproduzem a manutenção dos trânsitos, populacionais contemporâneos, entre vida e morte nos territórios “colonizados”.

A ferramenta teórica Necropolítica aponta para as formas que subjugam a vida ao poder da morte, buscando o agenciamento da população através do poder de um *fazer morrer* que opera nos excessos (oitenta tiros). Não limitando-se apenas às dimensões físicas da existência humana, embora Mbembe tenha trabalhado principalmente essas como foco. Entretanto, alvejando, também, subjetiva e simbolicamente os sujeitos. O Estado, em conjunto com outras ferramentas sociais e institucionais, a exemplo veículos midiáticos e equipamentos ditos de segurança, têm reforçado a ideia de que há um inimigo a ser combatido/abatido. O terror enquanto prática de Estado, também “democratizado”, tem se encarregado de produzir contenções sociais quando o braço genocida do mesmo não alcança determinados sujeitos.

Na Necropolítica não basta “fazer morrer”. Tem que existir um exercício excessivo do poder, uma ação de violência extrema, por meio da qual se garanta a aniquilação-objetificação completa “das/os inimigas/os”. Nessa via manifesta-se uma pretensão de domínio completo sobre essas/es outras/os. Segundo Fanon (1979), o colonialismo pode ser expresso nisso, uma negação sistematizada do outro, uma decisão furiosa de recusar/privar ao outro qualquer atributo de humanidade. Podemos pensar tal ação voltada ao **domínio-objetificação-aniquilação** e sustentada em diferentes dinâmicas (todas estreitamente articuladas entre si), -apresentada agora, porém trabalhadas em outras partes do texto-: a marca do Estado Colonial e sua forma de constituição por meio de uma política genocida-escravocrata; a branquitude em seus pactos narcísicos (Bento, 2002) sustentados por uma negação da própria branquitude em seus privilégios e da própria violência, projetando-a “nas/os outras/os”, naquelas/es que passam a serem definidas/os pela branquitude como “não-brancas/os” (Carneiro, 2005); a construção de uma política da “*outridade*” (Kilomba, 2019), ou seja, uma política do estigma, da objetificação de tudo que está para além das normas da narrativa moderno-colonial.

Nos interessa, aqui, olhar para quais sujeitos essa lei de vida ou morte cabe. Quem são os “assegurados” por tal política? O Brasil, ao longo de seus séculos, tem deixado evidente que a oferta inegociável das implicações da Necropolítica é voltada, em especial, para a população

negra, indígena¹⁰ e trans¹¹ (transexuais, transgêneros e travestis). Havendo a possibilidade de sobreposição dessas populações, como pessoas trans e travestis negras¹², o que incrementa a probabilidade do alvejar da necropolítica. O que não significa que outros “grupos sociais”, não sejam mortos por agenciamentos/desagenciamentos do Estados e suas políticas. Porém, as dinâmicas sociais expõem o modo como as políticas de morte **sistematizam funcionamentos e vítimas**.

Que a “raça” (ou, na verdade, o “racismo”) tenha um lugar proeminente na racionalidade própria do biopoder é inteiramente justificável. Afinal de contas, mais do que o pensamento de classe (a ideologia que define história como uma luta econômica de classes), a raça foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e a prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou dominá-los. Referindo-se tanto a essa presença atemporal como ao caráter espectral do mundo da raça como um todo, Arendt localiza suas raízes na experiência demolidora da alteridade e sugere que a política da raça, em última análise, está relacionada com a política da morte (Arendt, 2013, p.157). Com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte”(Foucault, 1997, p. 214). Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. (Mbembe, 2016, p. 128)

A colonialidade é o modo como está disposto uma matriz de poder, pelo mundo todo, inscrita nos processos coloniais e políticos de hierarquização/ordenamento das raças e das existências. Tendo como apogeu, completude máxima, a experiência branco-europeia (cristã, “masculina”-cis-heterossexual, sem deficiência e classe média/alta). Embora o conceito de Colonialidade seja cunhado pelo autor Aníbal Quijano (1992), me parece que Ailton Krenak estava falando sobre a mesma ideia quando disse que

a ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao

¹⁰ Ver o discurso-denúncia no ano de 1987, no Congresso Brasileiro, de Ailton Krenak, uma grande referência nacional, indígena da etnia Krenak, ambientalista e escritor. A denúncia era sobre questões específicas, mas não deixa de apontar para o genocídio indígena institucionalizado no Brasil desde a invasão colonial até o ano em questão, e até hoje. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM_Q

¹¹ Ver dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais. A ANTRA, entre outras ações, tem se dedicado a produzir pesquisas sobre violências e assassinatos contra a população trans, já que órgão/institutos governamentais não têm tido tal preocupação. Disponível em <https://antrabrasil.org/assassinatos/>

¹² Discussão mais aprofundada no texto *Reflexões sobre afronecrotransfobia: políticas de genocídio na periferia*. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1838>>.

encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. (Krenak, 2019, p. 11)

Sendo assim, sabemos que a morte faz parte de um sistema de condução das políticas do Estado. Que, entre outras populações, atingidas ou impactadas por tais políticas, está a população negra. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE, 56,10% da população brasileira se autodeclara negra (pardas/os e pretas/os) (IBGE, 2019), embora muitas pessoas acreditem que é adequado usar a palavra “minoria” para se dirigir a tal população. Precisaremos deter nosso olhar e escuta ao longo deste trabalho para o fato de como a máquina destruidora colonial e as estratégias-projetos de “civilização”, possibilitadas pelas navegações dos europeus pelo mundo, tiveram um impacto imensurável na vida (e na sua impossibilidade) das pessoas que foram colonizadas, além de nas suas cartografias territoriais e psicológicas. Aimé Césaire (2020) é assertivo e sensato ao dizer que “a Europa é responsável perante a comunidade humana pela maior pilha de cadáveres da história.” (p. 26).

*Primeiro cê sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles
Nega o deus deles, ofende, separa eles
Se algum sonho ousa correr, cê para ele
E manda eles debater com a bala que vara eles, mano
Infelizmente onde se sente o sol mais quente
O lacre ainda tá presente só no caixão dos adolescente
Quis ser estrela e virou medalha num boçal
Que coincidentemente tem a cor que matou seu ancestral
Um primeiro salário
Duas fardas policiais
Três no banco traseiro
Da cor dos quatro Racionais
Cinco vida interrompida
Moleques de ouro e bronze
Tiros e tiros e tiros
O menino levou III
Quem disparou usava farda (Ismália)
Quem te acusou nem lá num tava (Ismália)
É a desunião dos preto junto à visão sagaz (Ismália)
De quem tem tudo, menos cor; onde a cor importa demais*

É sempre possível que a sofisticação da linguagem e os termos acadêmicos não acompanhem o impacto na prática das situações que são lidas nas academias. Para didatizar podemos pensar através de uma equação matemática. Onde (1º) um dos valores é o Estado (fruto da lógica moderno-colonial, essencialmente atravessado pela branquitude); (2º) o outro, que se soma ao primeiro, pode ser “x” ou “y”, dizendo respeito a diferentes variáveis (identidade de gênero, sexualidade, idade, condição corporal, condições de saúde, moradia, financeiras e de trabalho, etc) e vem colado ao fator negritude (ex: negritudeX). Mas, o que é de se salientar, (3º) o resultado é sempre morte. [Estado + negrit.X= morte]. Logo, a variável é a única coisa que de fato se altera nesse esquema e, usando a lógica, essa variação é pouco significativa, considerando a rigidez da constante “negritude” e do valor “morte”. Entretanto, para entendermos essa expressão matemática precisamos dilatar a noção biomédica de vida.

Nessa equação que tem por norma subtração de vidas e vivências, recorreremos novamente à Conceição Evaristo (2016), quando no conto já citado, a personagem Bica diz saber “que não morrer, nem sempre é viver.” (p.109) e reivindica que um autor do qual ela lera uma matéria fique perplexo com todas as experiências de fome desse mundo, não só a fome de comida. Falar somente sobre a fome de comida e a morte do corpo não será suficiente para pensarmos essa escrita em questão.

Com a pandemia do novo coronavírus, o país vem vivendo e denunciando o genocídio¹⁴ que o atual presidente da república impõe a população ao negligenciar e atacar as medidas de proteção e prevenção a contaminação pelo vírus sars-cov-2, atrasar a compra de vacinas, investir em remédios que não têm comprovação científica de eficácia, entre outros motivos. Anterior à pandemia, grande parte da população brasileira, especialmente as pessoas brancas, eram totalmente indiferentes às denúncias de “genocídio” endereçadas às autoridades brasileira como um todo e vividas pelas populações negra, indígena e trans.

¹³ Música: *Ismália* - Emicida part. Larissa Luz & Fernanda Montenegro Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4pBp8hRmynI>>.

¹⁴ Matéria: Há indícios significativos para que autoridades brasileiras, entre elas o presidente, sejam investigadas por genocídio. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/ha-indicios-significativos-para-que-autoridades-brasileiras-entre-elas-o-presidente-sejam-investigadas-por-genocidio/>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

Antes deste vírus, a humanidade já estava ameaçada de asfixia. Se tiver de haver guerra, deverá ser, em consequência, não contra um vírus em particular, mas contra tudo o que condena a grande maioria da humanidade à paragem prematura de respiração, tudo o que ataca fundamentalmente as vias respiratórias, tudo o que, na longa duração do capitalismo, confinou segmentos inteiros de populações e raças inteiras a uma respiração difícil, ofegante, a uma vida pesada. Mas para daí sair é preciso ainda compreender a respiração, para lá de aspectos puramente biológicos, como aquilo que nos é comum e que, por definição, escapa a qualquer cálculo. Falamos, assim, de um direito universal de respiração. (Mbembe, 2021)

Dilatar a noção biomédica de vida implica pensar ela para além do corpo, mas, também, desviar de uma lógica cartesiana ocidental de “corpo *versus* mente”. E, mesmo que a Psicologia como um todo não rompa completamente com essa lógica, ela nos dá pistas e caminhos para que possamos articular tal ruptura. No encontro de diferentes teorias dentro da Psicologia podemos focar, de maneira extremamente simplista, em instâncias neuro-cognitivo-comportamentais e de subjetivação. A primeira privilegiando os processos básicos, a definição e identificação de personalidades e de características-processos ligados à adaptação das pessoas como, por exemplo, resiliência, bem-estar, etc (versam também sobre uma série de elementos reguladores de uma moral social acerca dos comportamentos considerados aceitáveis em sociedade) e a segunda como uma articulação entre processos de subjetivação e as noções freudianas de aparelho psíquico. Ambas, em certa medida e com suas muitas limitações, nos permitem delimitar essa definição de vida biopolítica moderno-colonial e a, também, transpor a compreensão da produção de morte para além do assassinato dos corpos em sua crua e dura literalidade

O fato desse trabalho não buscar uma linha teórica específica ou unir linhas que divergem entre si, no que tange ao sujeito, não é mero descuido. É apenas um modo de registrar a persistência da matriz onto-epistemológica colonial na/da Psicologia, independente das escolas que lhes compõem. Uma aposta metodológica que foca na sua delimitação pela participação de cada perspectiva na maquinaria da modernidade-colonialidade.

4. PSICOLOGIA COMO UMA CIÊNCIA DA COLONIALIDADE

A Psicologia, enquanto uma ciência de pretensões de conhecimento e de governo das vidas e das relações dos sujeitos “para melhor administrá-las” (Rose, 2008, p. 156), entra em cena quando a supremacia da religião cristã é pressionada pelo que vai se configurar enquanto ciência(s). Se antes tínhamos a igreja enquanto detentora/ditadora dos valores adequados e, assim, condutora da vida dos sujeitos, das famílias, da educação, do trabalho, das relações, etc; quem passa a disputar esse lugar, no momento seguinte, são os discursos especialistas (médicos, filosóficos, pedagógicos, psiquiátricos), produzidos nas academias em consonância com os valores cristãos e com as bases onto-epistemológicas da arena norte-ocidental como um todo. Aqui não entraremos na discussão de onde ou como foi gestado o que hoje lemos e entendemos como Psicologia e seus campos de conhecimento, atuação e interesse. Basta, para esse trabalho, localizá-la enquanto uma ciência etnocêntrica e entendermos o que estamos falando com tal afirmativa.

A localidade das coisas, a posicionalidade discursiva que enuncia, anuncia e denuncia as experiências-mundo, é algo extremamente fundamental para analisá-las. Embora isso seja paradoxalmente supervalorizado ou invisibilizado, esses dois caminhos reforçam a mesma situação: hegemonia(s). Quando falamos que uma teoria é européia - leia-se eurocentrada na maioria dos casos - estamos remetendo esse conjunto epistemológico, metodológico e de apreensão de determinados fenômenos a um valor simbólico de validade, fidedignidade, prestígio, status de ciência, de belo, de importante.

Aníbal Quijano aprofunda tais afirmativas quando diz que

A relação entre a cultura européia chamada também de “ocidental” e as outras segue sendo uma relação de dominação colonial. Não se trata somente de uma subordinação das outras culturas a respeito da cultura européia em uma relação exterior. Trata-se de uma colonização das outras culturas, mesmo que, sem dúvida, em diferente intensidade e profundidade segundo os casos. Consiste, inicialmente, em uma colonização do imaginário dos dominados. Isto é, atua na interioridade desse imaginário. Em alguma medida, é parte de si. (Quijano, 1992, p. 438-39)

Ao falarmos sobre Europa estamos considerando uma matriz colonial, civilizatória e geopolítica. Do mesmo modo, estamos pensando na sustentação de tal funcionamento através do

seu povo e dos seus descendentes pelo mundo. Mesmo que no Brasil tenhamos uma população extremamente miscigenada, constituída através da naturalização do estupro de negras/africanas e indígenas, e quem é lido como branco aqui possa não ser lido enquanto branco nos países europeus ou nos Estados Unidos. A identificação das pessoas brancas, independente de suas descendências, aos valores ocidentais é o que importa nesse contexto e o modo como essa identificação fenotípica, cultural e intersubjetiva (re)produz os valores supracitados assegurando a tal povo os chamados privilégios. A psicóloga Maria Aparecida Bento afirma a branquitude enquanto um lugar de poder e zelo pelos privilégios. E, mais

Assim, quando destacamos que branquitude é território do silêncio, da negação, da interdição, da neutralidade, do medo, do privilégio, enfatizamos que trata-se de uma dimensão ideológica, no sentido mais pleno da ideologia: com sangue, calor, entusiasmo, veneração, porta-voz, emblemas, iconografia, com seus santos e seus heróis. (Bento, 2002, p. 167)

Nesse cenário geopolítico e subjetivante, a partir da inseparabilidade do que é produzido no continente europeu, sua própria história e seu povo, que são gestadas as ciências que nos foram permitidas reconhecer hoje nesse lugar científico de valor. Aqui temos como centro a dimensão racial e suas vicissitudes, contudo essa percepção serve para outras formas de dominação e de manifestações dos jogos de poder, como nas discussões de gênero, sexualidade, classe, diversidade corporal, etc.

Sendo assim, cabe o questionamento, não recente ou novo, porém que parece fazer sentido somente a pequenas partes de turmas/pequenos grupos de estudantes de como se (re)produz um arranjo de teorias e práticas moderno-coloniais sem fissuras críticas. Sublinhando, aqui, que foi essa mesma arena geopolítica hegemônica, que se pretende universal, que produziu e perpetrou as maiores violências do nosso território, como o genocídio indígena, o rapto e tráfico das populações africanas que foram trazidas a força para cá e depois escravizadas por mais de trezentos anos. Ou melhor, as violências fundantes desse território colonial que reverberam as dinâmicas e estruturas sociais até os dias de hoje.

Perceber e ser sensível a tais violências acabam sendo na prática tarefas quase sempre reservadas às próprias vítimas, como estudantes e profissionais negras/os e indígenas. Visto que as/os violentadoras/es mantêm-se encobertas/os, protegidas/os e protegendo-se através da negação. Mecanismo psíquico de defesa do ego, proteção de interesses e privilégios já

trabalhado por diversas autoras como Lélia Gonzalez (1988), Maria Aparecida Bento (2002), Sueli Carneiro (2005), Grada Kilomba (2019).

Lélia Gonzalez (1988), quilombola, professora universitária, filósofa, antropóloga brasileira, trabalha o conceito através de Freud (1967), entendendo que o racismo “à brasileira” se volta justamente àqueles que são seus testemunhos vivos (a população negra), ao mesmo tempo em que é negado através do *mito da democracia racial*¹⁵. Estando esse (o racismo “à brasileira”) estreitamente ligado a desejos, pensamentos e sentimentos recalcados que defendem o sujeito branco de deparar-se com o que lhe pertence, o sentimento-desejo de superioridade da sua raça em oposição ao de inferioridade em relação a pessoas negras (racismo). Sendo, para Lélia, o ocultamento da nossa ladino-amefricanidade um grande exemplo de denegação.¹⁶ Acreditando ser uma boa conciliação teórica, nos sustentaremos, também, sobre o conceito de pacto narcísico da branquitude, criado por Maria Aparecida Bento (2002), que nos permite analisar o funcionamento de turmas, coletivos, instituições, espaços acadêmicos ou não de maioria branca e compreender os processos que forjam a manutenção da negação.

O *pacto narcísico da branquitude* é o modo como as pessoas brancas se relacionam coletiva, consciente ou inconscientemente nos espaços para proteger seus privilégios, sua posição de dominação e evitar entrar em contato com a possibilidade de se responsabilizar pelas desigualdades raciais (Bento, 2002). Usando a omissão e o silêncio das pessoas brancas, assim como o silenciamento de pessoas negras como ferramenta de negação dos conflitos raciais e manutenção de hierarquias raciais estabelecidas histórico e socialmente. A experiência de formação em Psicologia, que tem como produção de conclusão este ensaio, propõe expor o funcionamento deste pacto, que nem sempre passa pelo registro consciente das pessoas brancas, mas que é percebido e muitas vezes apontado por pessoas negras. Valendo-se do momento atual brasileiro, é de se tensionar o modo como tal pacto e a negação dos conflitos raciais vêm sendo explicitados de maneira inescrupulosa e sórdida, nesses casos passando (sim) pelo registro

¹⁵ “(...) com o apoio das chamadas ciências históricas, erigiu-se no Brasil o conceito de democracia racial; segundo esta, pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência. (...) A existência dessa pretendida igualdade racial constitui o 'maior motivo de orgulho nacional' (...).” No entanto, “devemos compreender democracia racial como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país.” (Nascimento, 1978, p. 41)

¹⁶ “A chamada América Latina que, na verdade, é muito mais ameríndia e amefricana do que outra coisa, apresenta-se como o melhor exemplo de racismo por denegação.” (González, 1988, p. 69)

consciente. Desse modo, a branquitude e seu pacto narcísico configuram um território onde a negligência em relação às questões raciais são sustentadas institucional e epistemologicamente.

Profissionais, docentes e discentes das diversas áreas da Psicologia têm recusado o exercício de autoanálise, ou de análise de implicação, da sua própria *escuta*, sendo *o escutar* um importante instrumento da Psicologia -senão, o mais-. Por conseguinte, seguem ignorando e negando o reconhecimento das suas próprias falhas, seus limites e pactos narcísicos, situados no campo do racismo, classismo, heterossexismo, cisnorma, capacitismo, machismo, entre outras violências estruturais. Assim, seguem atuando e produzindo através da negação e, simultaneamente, reiteração das lógicas moderno-coloniais. O Psicólogo Lucas Veiga (2019) analisa e apresenta muito bem tal problemática e embora fale pensando na Psicanálise, o parágrafo pode tranquilamente ser aplicado a maioria das abordagens da Psicologia

A histeria tal como Freud tratou e a que ainda comparece em nossos consultórios existiria em um mundo em que não houvesse opressão de gênero e das manifestações da sexualidade? Emmy Von N., primeira paciente de Freud, pede a ele que fique em silêncio e a escute (BREUER; FREUD, 1895/1995). Pediu a um homem branco no seu lugar de poder/saber médico que parasse com suas técnicas, hipnose e sugestão na época, e a ouvisse. Podemos parafraseá-la e dizer: “respeite meu lugar de fala, encontre seu lugar de escuta”. Desde então, a escuta vem sendo vivida como principal tecnologia terapêutica de diferentes abordagens clínicas. Conseguir ouvir o paciente implica conseguir ouvir o sintoma que o adoce, ouvir o sintoma para ouvir o mundo que o produz. Dar poucos ouvidos ao mundo talvez tenha sido um dos grandes erros da história da psicanálise. (Veiga, 2019, p. 244)

Luis Artur Costa (2020), nas áudio-aulas que produziu para turmas do curso de Psicologia, nos episódios sobre *A Escuta*, trabalha esse paradoxo. O escutar como posição e instrumento ético da Psicologia; a multisensorialidade que implica o escutar; o escutar da própria escuta; o lugar da onde se escuta e a bagagem sensível de experiências e singularidades que lhe atravessam (Costa, 2020). A escuta através dessa interpretação do autor-professor só é possível tornar-se instrumentalização ética quando se permite ser tensionada através da crítica, ampliada e, portanto, complexificada. É esse o movimento que abre espaço para questionamentos rumo ao reconhecimento dos limites da nossa escuta e das lógicas moderno-coloniais presentes na escuta e no que é escutado.

Reconhecendo, dilatando e tensionando essas lógicas e normas, de pretensa universalidade, há a passagem da escuta como capacidade sensorial à, o que aqui estamos reivindicando, escuta como instrumento ético-político da Psicologia. Segundo o mesmo autor-professor,

é desfazendo nitidez, certezas e fronteiras;

ouvindo (/ouvimos) com o corpo todo;

deslocando;

encontrando singularidades;

num exercício constante;

deixando-nos afetar e sermos afetados pelo mundo,

que rachamos pactos narcísicos, tensionamos e deslocamos as normas hegemônicas que se querem universais, reivindicamos o lugar de sujeito, nos opondo ao de objeto, produzimos territórios de encontros. Assim como Conceição Evaristo pensou a escrevivência, como também um refutar as tramas da colonialidade, a escuta pode se unir a tal pretensão. Como um instrumento de transformação dentro e fora da Psicologia (Costa, 2020).

5. NEGRITUDE

O objetivo desta parte do texto é circunscrever, se possível, o que habita o termo *negritude* nesse ensaio, concordando com a afirmação de que “as raças são efeito e não causa, portanto, precisam ser explicadas uma vez que nada explicam” (Souza et al., 2020, p. 5). Estes mesmos autores, Tadeu de Paula Souza, José Geraldo Damico e Emiliano de Camargo David (2020), ao trabalharem a questão dos paradoxos das políticas de identidade, sugerem pistas para análises que sustentam tais explicações, contudo, não vislumbram o fim da questão nesse ponto.

Racializar é, portanto, um exercício político-discursivo que mapeia essa produção negada pela branquitude. Desracializar é construir um sistema-mundo que não tome a raça como medida e critério para definir as multiplicidades do humano, é quebrar as hierarquias subjetivas e materiais que sustentam as desigualdades sociais, é traçar um caminho em que as diferenças não estejam submetidas ao poder colonial. (Souza et al., 2020, p. 5)

Dessa maneira, trataremos nessa seção o que se inscreve na palavra *negritude* para a proposta que está sendo construída aqui.

O termo “*negritude*” se popularizou de tal forma no vocabulário brasileiro que acabamos esquecendo que, em seu sentido original, ele ocupa uma posição central em um importante debate filosófico e ideológico do século XX. O fato é que a palavra é daquelas cujo significado é dedutível a partir de sua própria sonoridade: a condição de ser negro ou o sentimento de pertença a esse grupo. (Migliavacca, 2017)

Através de Aimé Césaire, na década de trinta, no poema *Cahier d'un retour au pays natal*, aparece pela primeira vez o termo *negritude*. Os debates que se produzem pelos escritores Aimé Césaire (Martinica), Léon-Gontran Damas (Guiana Francesa) e Léopold Sédar Senghor (Senegal) na via dessa palavra propondo certa indetidade negro-africana e crítica ao Ocidente acabam concebendo o movimento literário afro-franco-caribenho que avança a reivindicação de um vínculo cultural compartilhado por africanos negros e seus descendentes pelo mundo todo (Migliavacca, 2017).

Contudo, o psicólogo Deivison Faustino, valendo-se de Fanon, aponta para uma certa “armadilha que o movimento da *Negritude* corria o risco de ficar preso” (2018, p. 118). Esse movimento ideológico pensando a *negritude* enquanto uma “essência negra” não rompia com os

fetichismos coloniais endereçados às populações negras, apenas trocava os papéis, invertendo os pólos da hierarquia, qualificando como positivo o que o colonialismo qualificou como inferior (Faustino, 2018). O mesmo autor, em diálogo com Fanon, segue sinalizando que, inicialmente legítima, essa postura poderia

levar os movimentos antirracistas a alguns impasses perigosos, tais como “colocar todos os negros no mesmo saco”; buscar por um passado glorioso em detrimento de uma realidade objetivamente desumanizadora; valorizar acriticamente e de forma apaixonada tudo o que for “africano” e, ao mesmo tempo, negar de forma quase religiosa tudo o que for “Ocidental”; aceitar o pressuposto racista de que a cultura negra é estática e fechada, portanto morta. (Faustino, 2018, p. 118-19)

Falar dessa condição existencial que não é dada a priori é, também, borrar uma pretensa homogeneidade negra. Quer ela de ordem ideológica, política ou de outros marcadores sociais como gênero, sexualidade, condição corporal, financeira, etc. Por muitas décadas foram privilegiadas, dentro da discussão racial, as especificidades que acometiam mulheres negras (cisgêneras, heterossexuais e sem deficiências), como a hiperssexualização, o preterimento, o trabalho doméstico e o machismo praticado por homens brancos e negros; e homens negros (cisgêneros, heterossexuais e sem deficiências), como o genocídio, a fetichização, o encarceramento em massa e o não direito ao lugar da sensibilidade. Essas duas posições eram discutidas, alternando e competindo espaços de maior sofrimento, com pouco ou nenhum questionamento sobre a reiteração de outras opressões possíveis.

“A única cosmovisão a usar apenas os olhos é a ocidental e esses olhos nos dizem que somos pessoas de cor, que somos Outros” (Akotirene, 2020, p. 24). É necessário que recusemos esse lugar-armadilha por motivos essencialistas e éticos. A negritude é habitada por multiplicidades nas dimensões íntimas/pessoais e políticas/sociais e o reconhecimento das lutas que coabitam o antirracismo precisa fazer parte dos movimentos críticos, culturais e políticos de pessoas negras. De outra forma, corremos o risco de reivindicar algo que não podemos oferecer.

Essa multiplicidade, que habita a negritude e denuncia outras normas que não só a branquitude, há anos têm produzido e afirmado suas narrativas. Como a poeta e professora Audre Lorde (2020) ao se denominar “*outsider*”, vivendo a sensação de estar deslocada, ser estrangeira, não denuncia apenas o racismo quando está no movimento feminista, ela também

reconhece as forças desumanizantes do machismo e da lesbofobia que lhe incide quando no movimento antirracista. O psicólogo Lucas Veiga chama atenção para a dupla experiência do “afeto-diáspora” como sendo a sensação permanente de estar fora de casa, fora da possibilidade de ser integrado e genuinamente acolhido onde se vive” (Veiga, 2018, p. 80), a primeira considerando a negritude e tudo que lhe envolve e a segunda deparando-se com a lógica-violência heteronormativa, “mas de forma ainda mais nociva, haja vista que essa segunda barreira à aceitação se dá em seus próprios quilombos, ou seja, em sua família, em sua comunidade, e até mesmo nos movimentos negros” (Veiga, 2018, p. 81). O psicólogo Carlos Vinicius Gomes Melo propõe uma análise do *duplo estigma* “diante da condição que associa dois atributos supostamente negativos – advindos do seu pertencimento a uma categorização múltipla cruzada entre a identidade racial negra e a identidade de deficiência motora/física” (Melo, 2014, p.16). A doutora em Educação Megg Rayara Gomes de Oliveira (2019) expõe a exclusão e a invisibilização que pessoas trans e travestis sofrem dentro dos movimentos sociais de negras e negros, reiterando e afirmando o lugar da cisnorma, desse *cis-tema* de violências. No mesmo texto, Megg Rayara aponta formas de proporcionar através de “braços pretos” um abraço aconchegante, que protege e estabelece diálogo conjuntamente a mulheres trans e travestis negras, desfazendo o lugar de braços cruzados frente às violências transfóbicas que essas mesmas pessoas sofrem diariamente, inclusive em movimentos sociais de pessoas negras (Oliveira, 2019).

Os debates em torno do termo negritude, embora abreviados nesse ensaio, são extensos e parte indispensável das reflexões teóricas e subjetivantes que não se limitam a uma mera discussão conceitual que encerra em si. “A linguagem não é neutra, para muitos de nós, negros, é fácil perceber isso. A linguagem admite a criação e a sua própria transformação” (Ohnmacht, 2019, p. 35). E justamente nos processos de subjetivação, que nos singularizam, vive uma peça de resistência importante do quebra-cabeça racista-colonial, a possibilidade de existir para além de uma prescrição, a humanização pela via da narrativa própria, na primeira pessoa, “autoras/es e autoridades da nossa própria realidade” (Kilomba, 2019, p. 238). Promovendo, nessas configurações, “o surgimento de uma cultura autêntica. Ao invés de se lançar apaixonadamente sobre uma cultura engessada pelo colonialismo” (Faustino, 2018, p. 119).

Para dar sequência ao ensaio, a psicanalista Taiasmin Ohnmacht nos auxilia a concluir essa complexa tarefa de conceitualização com suas palavras

Parto do princípio que a cor da pele remete a uma gramática social que situa o sujeito de pele escura em um determinado lugar que reduz a possibilidade de reconhecimento de sua singularidade, e questiono se isso produz particularidades no processo de constituição psíquica. Portanto, o que me interessa é entender esse termo, negritude, como uma construção singular que cada pessoa de pele escura faz em sua relação a um campo discursivo comum que cria sentidos fixos e essencializadores. Contudo, o termo permanece tendo sua faceta política, visto que mantém a perspectiva do sujeito frente às relações de poder, mas sem que isso represente uma essência negra, africana ou diaspórica. (Ohnmacht, 2019, p. 35-36)

Essa parte do texto buscou localizar, complexificar e amarrar diversas discussões acerca da negritude em diferentes lugares-referências, compondo esse compilado na tentativa de sustentar tal amarra do termo especialmente num trabalho que se propõe pensar dos processos necropolíticos. É de conhecimento dessa escrita que a sobrecodificação hierarquizante das raças não brancas foi a maior arma moderno-colonial, mas buscamos aqui e fora-aqui forjar um lugar de acolhimento e de reconhecimento onde pessoas negras, da diáspora e do continente africano, possam produzir encontro(s) aquém (de cuidado) e além (de promoção de vida) do racismo. Sendo esse espaço antirracista, mas também, indispensavelmente, um lugar de oposição ao capacitismo, machismo, LGBTTQIA+fobia, classismo e outras violências estruturais; desfazendo as pretensas homogeneidades dentro da população negra como um todo. Racializar e encontrar comuns estratégicos para desracializar e fazer aparecer singularidades potentes.

6. ESTADO + NEGRIT.X= MORTE

*E os poderosos me seguram observando
O rotineiro Holocausto urbano
O sistema é racista cruel
Levam cada vez mais
Irmãos aos bancos dos réus
Os sociólogos preferem ser imparciais
E dizem ser financeiro o nosso dilema
Mas se analisarmos bem mais você descobre
Que negro e branco pobre se parecem
Mas não são iguais*

Racistas Otários
Racionais MC's¹⁷

Ainda apresentando o conceito Necropolítica lançamos mão de uma representação matemática que pudesse didatizar de modo lógico-objetivo as questões que foram desenvolvidas. O trabalho que resta a essa parte do ensaio é de operacionalizar de maneira breve o conceito articulando-o com exemplos de como se dão os processos necropolíticos na prática. Afirmando que, dentro dessa discussão, a agente produtora e reprodutora dessas violências é a branquitude, representada no Estado, nos sujeitos, das instituições, nos estabelecimentos, nas lógicas. Visto que “o racismo atravessa completamente as estruturas brasileiras, tornando todo o conjunto social um agente potencial ativo ou passivo de perpetração de exclusões históricas, desigualdades cotidianas e injustiças permanentes” (Ocariz e Neto, 2018, p. 14).

É de extrema importância exemplificar as diversas faces que as violências raciais podem utilizar, tendo em vista a costumeira posição da branquitude de negação-projeção. Essa posição, ou estilo de vida, faz ainda mais sentido no quesito violência, onde a negação e a projeção da violência que é produzida é sempre velada e projetada à/ao “suposta/o inimiga/o”. O colonialismo pode ser lido como uma série de métodos de roubos e violências, com um *slogan* de missão civilizatória. Assim, a branquitude, incessantemente violenta (por ação ou omissão), lança para a negritude a violência que não suporta ver em si mesma.

¹⁷ Música: Racistas Otários - Racionais MC 's. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=j1N6tRmdIJQ>>.

O sujeito negro torna-se então tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violenta/o, a/o bandida/o indolente e maliciosa/o. Tais aspectos desonrosos, cuja intensidade causa extrema ansiedade, culpa e vergonha, são projetados para o exterior como meio de escapar dos mesmos. (Kilomba, 2019, p. 37)

Buscando didatizar a complexidade destes circuitos de violências que constituem os processos necropolíticos, dividiremos as dimensões de ataques possíveis, mas é importante entendê-las imbricadas, constantes e dinâmicas.

A violência psicossocial, aqui, sendo a soma das violências simbólica e psicológica, pode ser pensada de diversas formas, como através da produção de estigmas atribuídos socialmente à população negra e que se torna muitas vezes concretos demais nas interações sociais produzindo um intenso sofrimento psicológico. Essa política de estigma sociorracial está nas relações, na cidade, na gramática, nas mídias, nos símbolos e nas valorações, na visão que se tem de determinados territórios, etc. A existência do racismo por si só produz muita violência simbólica e psicológica. Se no Direito, em teoria, existe o princípio do “*in dubio pro reo*” (na dúvida, a favor do réu), com a população negra a lógica é invertida, no Direito e fora dele. “Culpado até que se prove inocente”¹⁸.

Somando-se a essa dinâmica da violência racial psicossocial, existe a política de negação da violência pela própria branquitude, defendendo seus privilégios, e, por vezes, pela própria negritude, como estratégia de defesa frente a constantes e dissimulados ataques. A negação do racismo por parte da branquitude configura um posicionamento anti-ético e reiterador dos processos necropolíticos, como já foi apresentado, porém quando a negação joga no time da negritude ela se apresenta mais como armadura, proteção, mecanismo de defesa e sobrevivência. Estando a serviço, nos dois “lados”, da manutenção do mito da democracia racial. O que se coloca como intensos dilemas, paradoxos, emblemas.

A próxima violência a ser delimitada se encontra na dimensão estrutural que muitas vezes não é experienciada pelos sujeitos como violência, por estar firmemente naturalizada pela ideologia vigente. Como a falta de saneamento básico, o transporte público lotado, as barreiras

¹⁸ Manchete: *Foto em delegacia faz jovem negro ser acusado 9 vezes e preso duas por roubos que não cometeu*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/01/foto-em-delegacia-faz-jovem-negro-ser-acusado-9-vezes-e-preso-duas-por-roubos-que-nao-cometeu.shtml>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

ao acesso dos Direitos Humanos (básicos). Condições que foram agudizadas pela pandemia, mas que sempre estiveram presentes no cerne das cidades brasileiras. Persistentes, não coincidentemente, nos territórios de maioria negra, pobre e indígena. Violência sistemática e "silenciosa" que está

[...] implícita na “ordem” “normal” dos acontecimentos cotidianos, que de tão “normal”, nem violenta chega a ser considerada. No caso do racismo e os seus efeitos sobre saúde mental, o nosso espanto com o terror “menor” de uma ofensa verbal - que sabemos, pode causar grandes estragos subjetivos - não pode ser desconectado de um esforço para entender e combater esse terror contínuo inscrito na ordem. (Faustino, 2018, p. 18-19)

A violência física, a mais simples de ser identificada, tem como direção os corpos negros. O tapa na cara dado por policiais, as chacinas¹⁹, os comerciantes que amarram, espancam e cortam a orelha de um jovem negro²⁰, a morte a cada 23 minutos de jovens negros/os²¹, os assassinatos que reúnem a violência transfóbica e o racismo²². Todos esses exemplos assegurados pelo discurso e imaginário projetivo da branquitude de ameaça e supostas/os inimigas/os.

A violência econômica-patrimonial que diz da expropriação e destruição dos bens econômicos ou negação-ausência da remuneração destas pessoas. Quando o Estado ou outro agente social atribui a si o direito de retirar ou destruir algo que é do outro, sendo esse outro, a população negra. A desigualdade salarial entre raças²³ (sendo uma violência estrutural também); a destruição de terreiros de Matriz Africana; a remoção de Quilombos e Terras Indígenas; as ações policiais que roubam mercadorias de trabalhadoras/es ambulantes; a remuneração não

¹⁹ Matéria: *Com 12 jovens negros mortos, chacina do Cabula, em Salvador, completa 5 anos sem desfecho.*

Disponível em:

<<https://ponte.org/com-12-jovens-negros-mortos-chacina-do-cabula-completa-5-anos-sem-desfecho/>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

²⁰ Matéria: *Menino negro é espancado e amarrado nu em poste na zona sul do Rio.* Disponível em:

<<https://lunatenorio.jusbrasil.com.br/noticias/112676289/menino-negro-e-espancado-e-amarrado-nu-em-poste-na-zona-sul-do-rio>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

²¹ Matéria: *'A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil', diz ONU ao lançar campanha contra violência.* Disponível em:

<<https://www.geledes.org.br/cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia/>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

²² Matéria: *A vida de transexuais pretos no país mais transfóbico e racista do globo.* Disponível em:

<<https://capricho.abril.com.br/comportamento/a-vida-de-transexuais-pretos-no-pais-mais-transfobico-e-racista-do-globo/>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

²³ Matéria: *Racismo gera diferença salarial de 31% entre negros e brancos, diz pesquisa.* Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/01/racismo-gera-diferenca-salarial-de-31-entre-negros-e-brancos-diz-pesquisa.shtml>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

adequada de trabalhadoras/es, especialmente domésticas, onde o local de trabalho é extremamente isolado no espaço privado, por vezes, coercitivo. Um exemplo que dá visibilidade a atrocidade que é esse tipo de violência é o caso de Madalena Gordiano, uma mulher negra de quarenta e seis anos que desde os oito foi tratada feito escrava por uma família branca da “elite intelectual” de Minas Gerais. Além de Madalena nunca ter tido um salário sequer, a pensão que recebia era utilizada para pagar a faculdade de medicina da filha da família que lhe explorou por trinta e oito anos²⁴.

A última violência que exemplificaremos é completamente diferente das anteriores, pois ao invés de apontar na direção das opressões, volta-se contra as violências anteriores: falamos aqui da violência de cunho revolucionário, da insurgência, da revolta e da revolução. Violência que é fundamental para destituir o domínio/poder do colonizador; que é antes de tudo dizer “não” às outras violências (mas mesmo assim não se alinha com a ideia de “paz”). A redistribuição da violência, num direcionamento ético que não o da violência colonial, com a restrição aos privilégios, a (re)tomada revolucionária do lugar de sujeito pela negritude. Quando o ser negro

se rebela, negando a negação que fora imposta, tomando para si o direito de definir-se e ao mundo, recoloca a dialética da dominação em um outro patamar, afirmando-se como sujeito. Mas nada garante que esse desejo de autoafirmação será recebido com flores pelos antigos (e ainda presentes) senhores, ao contrário, ele costuma ser recebido com uma violência brutal. Por essa razão, o autor (Frantz Fanon) defende deliberadamente, já nesse livro (Os Condenados da Terra), que apenas a luta revolucionária poderia atribuir novos significados à vida outrora objetificada do colonizado e elevá-lo à posição de sujeito da História. (Faustino, 2018, p. 105) (grifo meu)

Em outras palavras, ainda podemos defini-la através da música *Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)* da banda O Rappa, “*a minha alma está armada e apontada para a cara do sossego / pois paz sem voz / paz sem voz / não é paz é medo*”²⁵; e por um dos princípios fundados

²⁴ Matéria: *Mulher viveu quase 40 anos em condições análogas à escravidão em Minas*. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/mulher-viveu-quase-40-anos-em-condicoes-analogas-a-escravidao-em-minas/>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

²⁵ Música: *Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)* - O Rappa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JFIrPr9DSaE>>

por Luiz Gama que afirma que: “o escravo que mata o senhor pratica um legítimo ato autodefesa” (Geledés, 2010).

Nesta altura do texto, já exemplificadas algumas das dimensões do circuito de violências raciais que se fazem tão presentes na vida cotidiana das pessoas negras, é possível desenhar, embora não seja feito aqui na escrita, a articulação entre elas e a intensidade, o imensurável, dos impactos desse aparato tão sofisticado de produção de violências e sofrimento na vida de mais da metade da população brasileira. O que é defendido neste ensaio é que a produção de morte, própria da necropolítica -como meio de gestão social-, não se dá somente através da violência física que é fatal, ela é semeada pela branquitude, pelo Estado e seus agentes diariamente na vida da população negra. É a morte (de tantas coisas) em vida. Contudo, é através da “violência” insurgente que a transformação torna-se possível. Em legítima defesa, com a arma mirando o sossego, elevando-se (ou melhor, recuperando) a posição de sujeito, sem paz, com voz. Sendo a vida (em tantos sentidos) em meio a morte.

7. O PESQUISAR, A PESQUISA E O EXTRAPOLAR DA PESQUISA COMO METODOLOGIA

Foram feitas diversas amarrações teórico-conceituais até aqui, a maioria delas tendendo para o campo violento de negações e projeções, que sendo próprios da branquitude, circulam pela sociedade como um todo, pelas instituições, pelos estabelecimentos, pelos discursos sociopolíticos, imaginários, inconscientes, etc. Entretanto, mesmo que essa parte tenha sido necessária como sustentação desse ensaio, a intenção do trabalho é tecer uma leitura teórico-analítica das estratégias de produção de vida e subversão dos processos necropolíticos que a população negra tem vivenciado enquanto possibilidade de ser e existir. Assim, o foco do trabalho passa a ser a pesquisa referida na introdução e a transformação dos seus resultados-narrativa em um diálogo ficcional, junto às contribuições de autores/as negras/os sobre o tema e às intervenções artísticas, constituindo uma relação dialética. Dando corpo, vida e sangue às palavras-vivências e aos conceitos que narram experiências-vidas.

A pesquisa *Necropolítica e População Negra: problematizações sobre racismo e antirracismo e seus desdobramentos em tempos de pandemia e pós-pandemia da Covid-19* foi desenvolvida pela Prof^a. Dr^a. Míriam Cristiane Alves, através do Núcleo de Estudos e Pesquisas É'LÉÉKO e tem tido a colaboração de estudantes de graduação em Psicologia da UFPel e da UFRGS. A pesquisa está disposta em formato de questionário estruturado *online*, dividido em cinquenta e três perguntas objetivas e dissertativas que procuram mapear dados da população negra dentro e fora do contexto da pandemia de Covid-19 (OMS 2020). Apenas pessoas negras (pardas e pretas) foram convidadas a participar, assim como apenas pessoas negras fazem parte da equipe de trabalho que vem se debruçando sobre os questionários e o processo pesquisador-apre(e)nder em questão. As perguntas vão desde orientação sexual, escolaridade, idade, renda aproximada, ocupação, até indagações sobre a percepção de episódios explícitos de racismos cotidianos e situações específicas vivenciadas na pandemia. O questionário pôde ser acessado e preenchido de junho a outubro de 2020.

Embora, como descrito no título, a pesquisa tenha preocupação com os impactos da pandemia de coronavírus, esse texto não tem tal pretensão. Aqui, o recorte pandêmico pouco importa, porém estará presente, visto que as narrativas utilizadas passam pelo questionário o qual isso está em questão. Reconhece-se, sim, o impacto da pandemia de COVID-19 como mais um

fator de agravo das violências e violações que a população negra está submetida no território brasileiro (de maneira desigual em relação a brancos e brancas). Deivison (2020), em seu artigo *Os Condenados pela Covid-19: uma análise fanoniana das expressões coloniais do genocídio negro no Brasil Contemporâneo*²⁶, onde trabalha a relação da pandemia e as questões raciais através da principal obra de Frantz Fanon, fala que

quando a pandemia chega ao Brasil, encontra uma realidade social de intensas desigualdades estruturais, o que por si representaria um grande desafio à gestão pública interessada no controle epidemiológico da COVID19. [...] Em decorrência disso, o Brasil fechou o mês de junho com quase 70 mil mortos, sendo que destes, os negros sem escolaridade tem a taxa de mortalidade três vezes maior do que a de brancos. No Brasil, seja por incompetência, omissão ou intenção, o resultado de tanta dor e irreparáveis perdas humanas vem, curiosamente, ao encontro dos interesses ultraliberais de enxugamento do Estado e de gastos públicos com saúde e previdência social ao eliminar fisicamente, ao seu turno, parte significativa da própria população. [...] É válido lembrar, no entanto, que mesmo sob a pandemia, a polícia mais mortal do mundo continua matando homens e mulheres negros no Brasil²⁴, mas o dilema que se coloca atualmente vai além disso, e aponta para uma combinação seletiva e de larga escala entre o *fazer* e o *deixar morrer*. Se haverá alguma responsabilização por esse crime, sem precedentes na história do Brasil, primeiro, teremos que nos haver com a racialização que impede que as pessoas negras sequer sejam consideradas seres humanos e a sua morte provocada ou permitida seja objeto de alguma comoção e luto (Faustino, 2020c). Mas ao que parece, estamos longe disso. (Faustino, 2020, p. 10)

Previamente é necessário passar por algumas perguntas que colocam em questão o próprio pesquisar. Trabalhar com esse instrumento implica repensar a relação da população negra com pesquisas e seu caráter objetual, onde pessoas negras têm suas vidas invadidas enquanto objeto de pesquisas acadêmicas (ou não) e pouco ou nenhum retorno; perguntar quem acessa pesquisas no Brasil? Quem se beneficia de pesquisas no Brasil? Quem vê sentido em participar de pesquisas que pouco ou nada retribuem seu público? E, especialmente nesse momento de isolamento social, quem pode acessar questionários online, que demandam computador, celular,

²⁶ Deivison M. Faustino é, entre muitas atribuições, um grande estudante de Fanon e suas repercussões pelo mundo. O título deste artigo faz referência a uma obra intensamente cara à população afro diaspórica, africana e global como um todo, *Os Condenados da Terra*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/os-condenados-pela-covid-19-uma-analise-fanoniana-das-expressoes-coloniais-do-genocidio-negro-no-brasil-contemporaneo/>> . Acesso em: 02 out. 2020.

internet, manejo dessas tecnologias, tempo, disposição psicológica e física, alfabetização funcional?

Outro ponto importante, já trazido no título, é o racismo enquanto algo admitido. O texto parte de tal premissa; racismo aqui é um fato. Esse ponto é importante, embora de certa maneira óbvio, porque faz parte dos aspectos que irão produzir uma certa seleção de participantes. Uma auto-seleção. Responde o questionário quem admite o racismo, embora muitas pessoas que respondam-no falem de um lugar que ainda o nega nas suas vidas cotidianas.

Além disso, o governo atual faz emergir uma posição que nunca nos foi distante, mas que hoje se localiza perto demais: o rechaço ao conhecimento produzido nos ambientes universitários, especialmente os produzidos nas universidades federais. A deslegitimação e a resistência frente aos discursos acadêmicos e contra hegemônicos; a negação dos conflitos raciais, sociais, de perspectivas e políticos, tornando tudo que configura a possibilidade de balançar os jogos de representação raciais, de gênero, sexualidade, políticos e de outras ordens das desigualdades, em banal, em incoerência. A exemplo, violências racistas que professoras negras de universidades (UFPEL e UFSM) e instituto federais (IFRS Campus Restinga) sofreram no ano de 2020 durante atividades *online*, todas no Sul do país²⁷.

Diante desse contexto, é imprescindível reconhecer a importância dos movimentos realizados nas universidades federais, exclusivamente aqueles que se opõem à naturalização das violências de cunho racial, de gênero, sexualidade, classe, diversidade corporal. Um dos ataques racistas teve como direcionamento a candidatura à reitoria da professora Míriam Cristiane Alves, mesma professora que coordena a pesquisa que está sendo trabalhada nessa produção. Muito emblemático tais constatações trazidas juntas, podendo oferecer pistas para analisar a situação. Embora Míriam seja do corpo docente, parece que, com isso, convém pensar sobre os impactos da primeira década da política de cotas no país (onde, se não em colegas discentes, professoras/res negras/os podem ver-se na sua própria turma).

²⁷ Matéria: *Instituições de Ensino do RS são alvos de ataques racistas durante atividades online*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/07/10/instituicoes-de-ensino-do-rs-sao-alvos-de-ataques-racistas-durante-atividades-online.ghtml>> e *Candidata a reitora da UFPel é alvo de ataques racistas em reunião virtual*. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2020/08/candidata-a-reitora-da-ufpel-e-alvo-de-ataques-racistas-em-reuniao-virtual-cke4cmndw002a013g780u2jhx.html>>. Ambas têm acesso em: 03 mar. 2021.

O psicólogo Alisson Batista (2016) aprofundou no seu trabalho de conclusão de curso o seu percurso acadêmico e as reflexões acerca do que ele chamou de “(im)possibilidades de enfrentamento do racismo” dentro desse espaço. Alisson trouxe a importância das ações afirmativas na reserva de vagas voltadas às pessoas negras em universidades federais.

A política de cotas, implementada a partir da Lei nº 12.711/2012, na qual 50% das vagas das universidades federais foram destinadas a alunos pretos e pardos (critérios a partir do IBGE), foi um dos principais movimentos adotados pelo Estado em direção a uma medida de combate ao racismo. Este processo é fruto de uma antiga demanda do Movimento Negro a fim de modificar o monocromático quadro discente nas instituições de ensino superior. [...] O segundo fator consiste no fato da universidade propiciar para muitos de seus estudantes brancos um primeiro contato horizontal com uma pessoa negra. Isto é, de fato, fundamental na formação profissional deste estudante branco, pois cria a possibilidade em ato de desconstruir eventuais pré-conceitos. Nesta perspectiva de combate ao racismo, as cotas possibilitam equalizar o ambiente hegemonicamente branco de profissionais em determinados setores da sociedade, como médicos, juízes e professores universitários. (Batista, 2016, p. 16-17)

Essas questões, entre outras que surgiram ao longo do processo de pesquisa, são extremamente necessárias e reforçam o quão indispensável é olharmos para as ferramentas que usamos, não na intenção de destruí-las mas de produzir instrumentos de pesquisa e arranjos teórico-práticos mais sinceros e potentes. Ademais, reforça a importância de pessoas que são destituídas desse lugar de sujeitos pensantes e da produção científica, forçadas a ocupar a posição de outra/o (Kilomba, 2019) (como pessoas negras, indígenas, LGBTTQIA+ e com deficiências, como exemplos) (re)tomarem a posição de sujeitos. Desse modo, tornando-se “a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou” (Kilomba, 2019, p.28). Tal qual Grada Kilomba fez da pesquisa do seu livro “Memórias da Plantação”, esse instrumento de oposição à *Outridade*, aqui temos o mesmo desejo tendo em vista o que já foi trabalhado pela autora quando diz que

Além disso, escrever é um ato de descolonização, no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o” e legitimada/o e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou seque fora nomeada. Este livro representa esse desejo duplo: o de se opor àquele lugar de “Outridade” e o de inventar a nós mesmos de (modo) novo. Oposição e reinvenção

tornam-se então dois processos complementares, pois a oposição por si só não basta. Não se pode simplesmente se opor ao racismo, já que no espaço vazio, após alguém ter se oposto e resistido, “ainda há a necessidade de tornar-se - de fazer-se (de) novo”. (hooks, 1990, p. 15) Em outras palavras, ainda há a necessidade de tornar-mo-nos sujeitos.” (Kilomba, 2019, p. 28-29)

Essa (re)tomada de posição enquanto sujeitos, recusando o lugar da *Outridade*, entendida como uma arena política de estigmas, preconceitos, lendas e teorias forjadas detalhadamente no seio das academias, instituições, ciências, famílias, em todos os espaços de poder, sendo assim, em todos os espaços existentes. Denuncia o modo como a branquitude e a colonialidade recusaram e seguem recusando-se a compreender a questão racial para além das rígidas posições de dominação colonial-escravagista. Como foi apresentado ao longo da escrita, a produção de conhecimento não se isenta disso. Assunto já teorizado pela historiadora e quilombola Beatriz Nascimento em 1974.

O branco brasileiro de um modo geral, e o intelectual em particular, recusam-se a abordar as discussões sobre o negro do ponto de vista da raça. Abominam a realidade racial por comodismo, medo, ou mesmo racismo. Assim perpetuam teorias sem nenhuma ligação com nossa realidade racial. Mais grave ainda, criam novas teorias mistificadoras, distanciadas desta mesma realidade. (Nascimento, 1974, p. 95)

E segue falando sobre essa relação-desejo da branquitude de manter pessoas negras nas mesmas condições que lhe colocaram desde o século XVI, sendo a escravização um grande exemplo dessa desumanização, do lugar de objeto e da negação absoluta do “outro”, (esse outro, produto da *Outridade*). Nos espaços acadêmicos essa relação-desejo persiste tanto quanto em outros.

Acredito que ela faça parte da mais nova mistificação em termos de preconceito contra o negro. Os artistas, intelectuais e outros brancos, diante da crise do pensamento e da própria cultura do Ocidente, voltam-se para nós como se pudéssemos mais uma vez agüentar as suas frustrações históricas. É possível que agora, no terreno das idéias e das artes, continuemos a ser “os pés e as mãos” desta Sociedade Ocidental? (Nascimento, 1974, p. 95)

Portanto, pode se dizer que o trabalho feito até aqui foi aquém e além da pesquisa, explorando o seu extrapolar, a ampliação das suas bordas e fronteiras, abraçando seus paradoxos; fazendo-se valer de um importante instrumento teórico-prático que é a análise de implicação e articulando-o ao conceito de escrevivência de Conceição Evaristo. Articulação essa já trabalhada por uma colega de curso, integrante do Coletivo Psicopreta, Ana Paula Moreira Ferreira, quando também trabalhou numa pesquisa sobre os impactos do racismo. Segundo Ana Paula

Conceição Evaristo nas suas entrevistas postula que não teve a intenção de criar um novo conceito ao trazer as escrevivências para explicar que ela enquanto mulher negra vinda de classe baixa deixaria sua vivência dar movimento à escrita. Enquanto a implicação é teorizada pelos institucionalistas franceses como ferramenta de análise para pensar como todos estamos implicados com nosso campo de análise, fica silenciada a racialização na posição do sujeito, posto ser uma discussão teórica produzida a partir do lugar universal, desracializado e branco. Portanto, observa-se a partir da experiência das bolsistas que a vivência negra delas influenciou como elas enxergaram tal etapa da pesquisa, pois suas vivências lhes colocavam num lugar de análise de implicação racializada. (Ferreira, 2018)

De tal modo, o conceito de Escrevivência ecoa como um tecer, uma dança com a caneta e com o corpo que sujeitos negros fazem ao longo de suas vidas. Como a fuga da Outridade, das tramas coloniais, das políticas do estigma. Como a apropriação da escrita pelas mulheres negras, uma posse que subverte a escrita como instrumento das classes dominantes. Do mesmo modo registra o que, a partir da oralidade, já é transmitido e preservado entre/pelas pessoas negras há séculos. Produz movimento nas histórias, mesmo nas mais antigas, porque se implica, se afeta, acolhe os conflitos e transforma.

A Escrevivência é uma escrita que nasce de uma experiência ou lembrança que é vivenciada através da condição de um corpo social e racialmente marcado, o corpo negro. Num movimento de Sankofa, ou como o “movimento vai-e-vém nas águas-lembranças” (Evaristo, 2017, p. 11) do mar onduloso que vagueia os pensamentos, retorna quantas vezes forem necessárias para buscar o que ficou, sendo na vivência da própria autora-escrevinte, em quem habita essa autora ou na história do mundo.

Assim como o pesquisar demandou um acolher ativo das nossas escrevivências, outro movimento que nos foi caro foi análise das nossas implicações com as inscrições que couberam

nesse processo-pesquisar. A proposta de Lourau (1995) com a análise de implicação, dentro da Análise Institucional, é justamente reconhecer a nossa implicação, nosso envolvimento ou não envolvimento, nossos afetos, nos campos em que produzimos análise. Tomar o lugar dessa/e pesquisadora/pesquisador, as relações que se estabelecem com sujeitos e campos investigados e seus efeitos como parte de análise.

O argumento decorrente é que o observador inserido em seu campo de observação transforma, por definição, seu objeto de estudo. A necessidade de incluir-se, portanto, no processo investigativo, a subjetividade de quem pesquisa como categoria analítica já se apresenta aí, anunciando as bases do conceito institucionalista de implicação. (Paulon, 2005, p. 19)

Reconhecendo e produzindo no ato o trabalho com esse tipo de composição metodológica, foi impossível não sentir os afetos e efeitos desse processo, dessa escuta e dos diálogos propostos pelas respostas-narrativas. Nós, enquanto pesquisadoras, leitoras das narrativas contidas nos questionários, sentimos e nos envolvemos com a confluência de afetos que cada resposta suportava (afetos bons, ruins, dolorosos, alegres, irritantes, etc). Esses afetos podem ser pensados pela proximidade nossa com as narrativas que foram trazidas e/ou com as pessoas que responderam. Por enxergar nós, familiares e amigas/os nas tantas palavras e vivências compartilhadas. Em vista disso, será respeitada a riqueza desse processo-pesquisar, (no) que toca participantes e pesquisadoras, que permite envolver-se, contrária à cientificidade engessada, pálida e distante que se querem intocadas e insensíveis.

Na tentativa de dar conta disso, as narrativas-respostas-pessoas ganharão um corpo sensível em formato de trabalho, uma voz que amontoa a multiplicidade de vivências, sem essencializar ou apagá-las, mas compreendendo o tanto de existências que habita e vive cada uma/um de nós. Como Conceição Evaristo em *Becos da Memória* (2006), “homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim” (p. 21), reconhecemos nesse processo-pesquisar esse mesmo amontoado de participantes e não participantes que conhecemos, escutamos e nos constituem, tornando-nos tão singular. O diálogo que será trazido junto a esse ensaio é o encontro com essa diversidade de vozes singulares que são sempre “amontoadas” em uma. Não tentando ser a representação de uma negritude ambulante, mas a produção de um ser sensível que caminhará o texto conosco. Do mesmo modo que todas/os somos, uma multidão.

8. CAMINHOS-PISTAS: EU NÃO VOU MORRER²⁸!

*Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
Que nem deviam tá aqui*

*Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí*

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
É roubar um pouco de bom que vivi*

*Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir*

AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte)
Emicida part. Majur e Pablllo Vittar²⁹

Lançar luz sobre processos, estratégias e experiências que atravessam sujeitos negros e dizem das tentativas conscientes e inconscientes de driblar o projeto colonial-genocida em curso desde o colonialismo até os dias de hoje é uma tarefa complexa e desafiadora. Ainda na seção Negritude (5), falamos das multiplicidades e singularidades que habitam a população negra, e que racializar, embora um movimento estratégico-político, requer cuidado e atenção para que não caiamos nas teias coloniais que subtraem humanidades ao passo em que subcodificam grupos não-brancos. Falaremos destes processos, destas estratégias e destas experiências considerando que, assim como a relação que cada sujeito negro estabelece com a negritude, as relações de resistências, subversão e as tentativas de driblar esse lugar da violência agenciada pela branquitude, do mesmo modo, também são singulares.

²⁸ Referência ao texto: “Eu não vou morrer!” da professora Leticia Pereira Nascimento. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/21581/13152>>.

²⁹ Música: AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) - Emicida part. Majur e Pablllo Vittar. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>>

Essa seção do texto pretende, mais do que as anteriores, ser um caleidoscópio. Onde os fragmentos serão reflexos dançantes, cujo movimento é feito pelo ritmo das fotos, artes, performances, músicas e afetos, para se desamarrar das teias coloniais que nos querem mortos/os em vida ou mortos/os de fato. Tampouco se trata de negar a existência da violência racial genocida. Ela persiste e dificulta nossas experiências, mas não as determina. Não nos constituímos, somente, através de cicatrizes, embora elas existam e nos são constituintes. Mas nós resistimos e produzimos sua cura. Do jeito que for. Por qualquer meio necessário³⁰.

*Nego drama
Cabelo crespo e a pele escura
A ferida, a chaga, à procura da cura*

Nego Drama
Racionais MC's³¹

Para tanto, seguimos assumindo o lugar da implicação como aposta ético-estético-política. Deixar aparecer quem fala e todas as minúcias dessa produção ensaística. Minúcias aqui não como insignificâncias, pelo contrário, como partes indispensáveis na construção do todo, detalhes que produzem e produziram a singularidade de cada etapa. Entre a infinidade de estratégias que a população negra vem forjando no seio de uma sociedade excessivamente racista, ganharão destaque os processos que de algum modo ou outro foram trazidos nos resultados-narrativas pelos sujeitos que participaram da pesquisa *Necropolítica e População Negra: problematizações sobre racismo e antirracismo e seus desdobramentos em tempos de pandemia e pós-pandemia da Covid-19* e os que dizem da análise de implicação e das escrevivências da autora. Peço licença para falar em primeira pessoa. Talvez o ponto de partida mais apropriado, que eu tenha mais propriedade, o meu.

*Se cada um é um universo
Quem salva uma vida salva um mundo inteiro
Seja protagonista da sua história
Pega a folha e muda o roteiro*

³⁰ Em referência ao discurso de Malcolm X que recebe esse título. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2x8KgPf8Pq0>>.

³¹ Música: Nego Drama - Racionais MC's. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u4lcUooNNLY>>.

*Minha gente cruzou o mar a força com mão branca
Cruzei voando com a força da minha palavra*

Oto Patamá
Djonga (prod. Coyote Beatz)³²

Essa escrita é gestada há tantos anos que não sei precisar quando inicia. Mas tornou-se nítido, escrevendo-a, que era apenas questão de acertar as palavras na ordem que fizesse sentido gramatical e semântico, formando um corpo textual, ajustado às normas da APA. A discussão acerca da autodeclaração racial contém vários pontos emblemáticos e até mesmo armadilhas. Há muitas décadas, surgem diversas questões que analisam esse processo e tentam produzir uma unidade estratégica de luta, acolhimento, pertencimento, identificação, a exemplo o Movimento Negro Unificado (MNU), contrapondo-se ao mito da democracia racial. Esse processo se dá através de inclusões e exclusões e socialmente não é tão difícil percebê-las. O Brasil é um país extremamente miscigenado, como já foi explicitado os motivos, mas previsivelmente monocromático nas suas divisões.

Para além dessas discussões que ocorrem no plano macro e micropolítico, é respondendo a pergunta sobre quais "motivos" eu tinha para me autodeclarar negra, para ingressar no curso de Psicologia da UFRGS em 2016 através da Política de Cotas Raciais, que essa questão me veio à tona. A negritude, esse encontro singular entre o sujeito e a sua própria pele preta, era algo tão dado que nunca me foi questão perguntar o porquê. Respondi que era porque meus pais eram negros e eu tinha traços de pessoas negras. Mas respondi como quem responde qual a cor do céu. É óbvio que é azul, pode até conferir, mas parece que no fundo a pergunta é alguma pegadinha. Cabe longas explicações, mas a brevidade também cai bem. Foi confuso, mas foi um dispositivo muito importante na minha trajetória para os anos seguintes e no modo como passei a olhar os anos passados.

³² Música: Oto Patamá - Djonga (prod. Coyote Beatz). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OoIbuc6bJlk>>.



Foto/recorte da pele do meu pai. Seu céu está sempre estrelado.

“Meus pais são negros” assim iniciei minha resposta, embora algumas pessoas considerassem meu pai branco pela cor de pele mais clara. Em casa, perguntar se meu pai era negro era perguntar a cor do céu. *“Quem perdeu brancura pra teu pai achar, Fernanda?”*. Minha mãe sempre respondia isso. E mesmo nós sabendo de nossa negrura, vivendo nossa negritude, essa dimensão sempre foi atravessada pela negação nos ambientes familiares. Numa casa com quatro pessoas negras, a palavra “racismo” só veio ser dita com mais frequência e até mesmo com familiaridade depois que eu tive que responder sobre a cor do céu da minha pele para ingressar por cota racial na graduação. Antes disso, “racismo pouco existia”. O mito da democracia racial é perverso assim, o “crime perfeito”, como diz Kabengele Munanga.



Essa foto foi tirada por mim no dia 25 de dezembro de 2019, em Pantano Grande - RS, na casa da minha tia avó, Eva. Nela está parte da minha família. Lídia, Sérgio, Flávio, Liane, Daniela, Wagner, Éder, Eva e Maria Eduarda.

A negação era a estratégia para lidar - leia-se tentar ignorar- as dores profundas do racismo. Mas é como um elefante numa sala, todas/os veem. Como já dito em outras partes do texto, a negação que joga no time da negritude trata-se de uma questão de integridade e sobrevivência. De tentar manter menos dilacerado possível um corpo que é ininterruptamente atacado/atingido pelas diversas violências raciais, atuais e históricas. Então, embora para algumas pessoas pareça tosco, a negação foi uma armadura importante para mim e para minha família até que pudéssemos lançar mão de outros recursos psíquicos para lidar com a negritude e com o racismo. E, no fundo, todos nós sabíamos do que estávamos falando. Mas, acima de tudo, sabíamos que falar sobre racismo seria mexer num vespeiro. Mesmo racismo “não existindo” para nós, eu sempre ouvi que tinha que ser no mínimo duas vezes melhor que colegas brancas/os; ou, como Djonga na música Bença³³, “*ouvindo desde novo, 'cê já é preto/ Não sai desse jeito, se não eles te olha torto*”. Então mesmo que não disséssemos, por obviedade ou negação, éramos (somos) negras/os e somos direta e frequentemente atingidas/os pelo racismo.

³³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vItmJnY-waY>>.

Além de designar uma realidade heteróclita e múltipla, fragmentada - fragmentos de fragmentos sempre novos-, esse termo [negro] assinalava uma série de experiências histórias dilacerantes, a realidade de uma vida vacante; a ameaça assombrosa, para milhões de pessoas apanhadas nas redes da dominação racial, de verem seus corpos e pensamentos operados a partir de fora e de se verem transformadas em espectadores de algo que, ao mesmo tempo, era e não era a sua própria existência. (Mbembe, 2018, p.20-21)

Na adolescência a negação era obstaculizada pelas vivências para além dos ambientes familiares e porque geralmente há uma subestimação da percepção das crianças sobre seu entorno, que já não havia mais, da mesma maneira, nos anos seguintes. No colégio e nos ambientes que eu frequentava, especialmente “os pagodes” (quando digo pagode, me refiro às rodas de samba e pagode que ocorriam nas ruas e nas escolas de Samba de Porto Alegre, predominantemente frequentado pela juventude negra) e “bailes” (festas de rua ou em lugares fechados que tocavam funk e pagode, também predominantemente frequentado pela juventude negra), percebendo ou não, estava sempre com pessoas negras. Em alguns lugares nós éramos ilhas e em outros, mar, ou melhor, continente.

<i>Se Zumbi</i>	<i>Orfeu da Casa Real</i>	<i>Que se revive</i>
<i>Guerreiro-guardião</i>	<i>Do carnaval do negro</i>	<i>Exemplo pro céu</i>
<i>Da Senzala Brasil</i>	<i>Quilombola da escola</i>	<i>De outros países como o</i>
<i>Pedisse a coroação</i>	<i>daqui</i>	<i>meu</i>
<i>Que por direito o cetro do</i>	<i>O mestre-sala de Zumbi</i>	<i>Sou eu orgulho de Zumbi</i>
<i>quilombo</i>	<i>Na libertação</i>	
<i>Que deixou por aqui</i>		<i>Que vem de Angola e de</i>
<i>Nossa bandeira era</i>	<i>Parece que eu sou</i>	<i>Luanda</i>
<i>Ordem, progresso e</i>	<i>Zumbi dos Palmares</i>	<i>Salve essa nação de</i>
<i>perdão</i>	<i>quando sambo</i>	<i>Aruanda</i>
	<i>O príncipe herdeiro</i>	<i>Salve a mesa posta de</i>
<i>É Zumbi</i>	<i>Dos quilombos do Brasil</i>	<i>umbanda</i>
<i>Babá dessa nação</i>	<i>Sou eu, sou eu, Soweto</i>	<i>Salve esse Brasil-Zumbi</i>
<i>Orixá nacional</i>	<i>Livre, Mandela é Zumbi</i>	

300 Anos
Grupo Bom Gosto³⁴

³⁴ Música: 300 anos - Bom Gosto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7xzGxbK_w70>.

O racismo ia e vinha, às vezes mais explícito, às vezes menos. Sentíamos sua presença na ridicularização dos nossos cabelos, das nossas referências, dos lugares que frequentávamos. Na companhia de amigas/os (especialmente, minha amiga Giovanna), sustentamos desaprovação ou comunhão, mesmo que não usando as palavras racismo, para o primeiro caso, e negritude, para o segundo. Mas era disso que se tratava. Denunciar-marcas a existência de violências raciais que nos atingiam e faziam parte de nossas vidas. Afirmar-defender elementos que nos ligassem ao que estávamos construindo enquanto laço com nossa(s) negritude(s). Era um movimento nosso, ainda difuso, mas que apontava o preconceito que continha na ridicularização do “pagode” ou do “baile” que nós íamos, das músicas que ouvíamos e do modo como gostávamos dos nossos cabelos. Ali surgia a resistência embora não organizada pela palavra “negra/o”.

Desde o momento em que a palavra negro pôde ser incorporada, o que produziu liga foi o movimento denunciar-marcas afirmar-defender. E somente foi possível através do continente que era produzido entre eu e outras pessoas negras ao meu redor. Na escola, nos pagodes (músicas e lugares), nos bailes, no curso, na Umbanda, no rap que eu escutava.

Humilhado e profundamente desonrado, o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa e o espírito em mercadoria - a cripta viva do capital. Porém - e esta é a sua patente dualidade - , numa reviravolta espetacular, tornou-se o símbolo de um desejo consciente de vida, força pujante, flutuante e plástica, plenamente engajada no ato de criação e até de viver em vários tempos e várias histórias simultaneamente. (Mbembe, 2018, p. 21)

*Se preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade*

Identidade
Jorge Aragão³⁵

Quando ingressei na universidade, pude olhar de outro jeito para a negritude. Semanas antes das aulas começarem, vinha sempre na minha cabeça a cara que as pessoas fariam quando eu, negra, falasse que estudava Psicologia na UFRGS. Mesmo ainda tímida em relação às

³⁵ Música: Identidade - Jorge Aragão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ej7wAVoYGgQ>>.

palavras negra e racismo, embora totalmente atravessada pela experiência, eu pensava nisso direto. Entrei numa turma com ainda menos estudantes negras/os do que os anos de ensino médio. Vivi o abismo que separava o cotidiano acadêmico e o das minhas vivências até então. Suportei a corda bamba que unia de maneira precária esses dois mundos através da força dos coletivos. Sempre no entre. Estava em sala de aula, na disciplina de Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), que pela articulação e organização das/os estudantes negras/os da Psicologia da UFRGS deixou de ser disciplina eletiva para tornar-se obrigatória, quando recebi a notícia que o irmão de meu amigo de infância, que cresceu junto comigo e minha irmã, um jovem negro, talvez 2 anos mais velho que eu, havia morrido com um tiro na cabeça. Vivi o emblemático.



Exposição “Pardo é Papel”. Artista Maxwell Alexandre.³⁶

Particpei da Ocupação da Reitoria por estudantes e coletivos negros em oposição a mudança na política de cotas. No curso de Psicologia, fiz parte da construção do Coletivo Psicopreta. Vivi o racismo que não somente está na colonialidade onto-epistêmica, mas que, sem pudor, é falado e atuado. Aquilombej, aquilombamos. Entendendo Quilombo, através do

³⁶ Exposição “Pardo é Papel”. Artista Maxwell Alexandre. Disponível em: <<https://inclusartiz.org/inclusart-exposicao/maxwell-alexandre/>>.

conceito de Abdias, Quilombismo, como genuínos focos de resistência física e cultura, integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história, fincando em terras brasileiras as heranças africanas (Nascimento, 2009). Não mais através da noção de escravos/os fugidos, mas como fuga do colonialismo rumo a "libertação", (re)tomada da sua própria história e condição de sujeito, lugar de acolhimento e cuidado.



Equipe do DEDS (Departamento de Educação e Desenvolvimento Social) no 36º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul (SEURS) na UFRGS.

Aprendi a nomear o racismo e a negritude. Compreendi a língua como um território vivo e de importantes intervenções. Através dela tornamo-nos sujeitos, denunciemos violências, recuperamos histórias e reinventamos o mundo. Narramos e assim afirmamos nossas vidas. Falando nomeamos, nomeando criamos e produzimos marcas outras. Contamos nossa própria história, lançando luz sobre ela. Contrapomos a narrativa dominante estigmatizante e apontamos o lugar da dominação, miramos os pactos narcísicos e atiramos palavras. Segundo bell hooks

(2017), “tomamos a língua do opressor e voltamo-la contra si mesma. Fazemos das nossas palavras uma fala contra-hegemônica, libertando-nos da língua”(p.233).

Numa sociedade estruturada na violência, sua reestruturação não pode se dar senão por meio do que Mombaça (2016) chamou de “redistribuição da violência”. Mas, diferente do modo destruidor da violência colonial, a violência anticolonial é uma violência criadora. Em se tratando da questão racial, a redistribuição dessa violência começa com a violência da marca. Você é branco. Nomear o branco de branco, marcar que o lugar de onde ele fala é o de uma pessoa branca, que os autores que ele lê são brancos, que o pensamento dele é branco. Fazer isso sem subjugar a ele e aos seus um regime de escravidão, fazer isso sem que seus jovens brancos sejam assassina dos a cada 23 minutos no Brasil. Apenas marcar: você é branco. (Veiga, 2019, p. 244-45)

Nesse contexto, foi a educação enquanto instrumento político, configurada como uma “pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial” (hooks, 2017, p. 11) que me possibilitou produzir mais um recurso no vasto repertório, que não cabe aqui citar tudo, de estratégias anticoloniais, transgressoras dos modelos dominantes vigentes e produtora de práticas libertárias. Conheci e me apaixonei por bell hooks. Fez sentido para mim a ideia de uma prática intelectual insurgente, entusiasmada e profundamente implicada. Uma educação engajada nos faz compreender e reconhecer nossa cumplicidade na perpetuação de todas as violências que são produzidas e reproduzidas socialmente, pela omissão ou atuação. Ao passo em que oferece elementos para ajudar a amenizar as profundas cicatrizes das violências estruturais, justamente por fazer existir, através das palavras, da história, a produção de um novo paradigma.



Foto tirada na disciplina de Psicologia e Educação. Eu e minha colega Eduarda Lopes ministramos uma oficina de confecção de bonecas Abayomis regada a diálogos sobre relações raciais.

Abracei e comprometi-me com o conflito como forma de posicionamento-passagem para algo além, além das pretensas parcialidades e neutralidades violentas. Correr riscos, forjar fissuras, desfazer certezas, compartilhar experiências e potencializar práticas. Registro que essa pedagogia, assim como iniciado no texto, citando Milton Santos, é produzida pela própria existência. Foi um movimento *Sankofar*. O nomear como território que permite existir o racismo e o ser negra, no momento em que pôde ser vivido, nunca mais deixou de ser. E, assim, voltei ao passado e a cada experiência que, num primeiro momento, pareceu menos sofisticada (como a negação), abrindo espaço para escutar e acolher as minúcias indispensáveis que também faziam parte dessa história. Como mexer num vespeiro, não foi fácil. Mas entendi que o confronto ou o abraçar conflitos, aprofundam experiências. E, a imersão tem dois (ou mais) lados. Podemos nos afogar e sentir uma sensação de asfixia absoluta ou, ao arriscar sair da areia, e aprender (n) o próprio embalo das águas.



Em pé minha mãe, Liane, sentadas (da esquerda para a direita) minha tia avó, Eva, minha avó, Marina e minha tia, Lídia.

Para nós não há saídas fáceis, nem rotas de fuga tranquilas. Há um trabalho permanente de confronto ao status quo, confronto que se dá simplesmente por existirmos. Ignorar o confronto é uma forma de resignar-se, um jeito de morrer aos poucos, bem devagarinho, enquanto o racismo vai sugando nossa energia vital. Olhar de frente para o confronto, assumi-lo, é espalhar granadas por todo tecido social, provocar explosões micro e macropolíticas, desestabilizações do status quo. Perfurar a branquitude com os ossos da fratura exposta que o racismo produziu em nós e ver o sangue branco se misturar ao nosso sangue negro até que ambos fiquem vermelhos. (Veiga, 2018, p. 86)

Foi aprendendo a nomear e entendendo a complexidade subjetiva desse exercício que a negação pôde ser respeitada. Não somente a negação do racismo (defensiva), como, do mesmo modo, a negação da própria relação com a negritude. Como escutar meu pai contando sobre seus pais e que esses trabalhavam com o Orixá Xangô numa casa de Nação, uma história pouco compartilhada por ele, porque o racismo sistematicamente inferioriza o que liga os sujeitos negros à África ou a sua herança africana. Sankofar foi o movimento de produzir cuidado coletivo às feridas antigas e atuais e, acima de tudo, um lugar de acolhimento e valorização das doçuras de viver a negritude.

*Olhe pras sua nega véia e entenda
Que num é em blog de hippie boy
Que se aprende sobre ancestralidade*

*Vai e vai
Ganha esse mundo sem olhar pra trás e vai
Só não esquece de voltar pra...*

*Vai e vai
Anda esse mundo sem olhar pra trás e vai
Só não esquece de voltar*

Bença³⁷
Djonga



À esquerda meu avô paterno, Pedro, ao seu lado meu tio avô, Osmar (esposo da irmã do meu avô, Nair)

Ouvi falar em "pequenas Áfricas", lugares que guardam viva a memória de uma África, que trazida nos navios negreiros criou raízes na diáspora. Está nos terreiros, nas rodas de samba, pagode e capoeira, nos quilombos, nas práticas de curas de benzedeadas e das avós negras que cuidam “dos seus”, na musicalidade, na comida, nas artes. Estava na música que eu ouvia, no terreiro que ia buscar acolhimento e proteção, na benzedura que era ensinada de geração em geração à minha família, na minha própria família, nas rodas de samba e pagode que eu tanto amo. Sendo assim, a Matriz Africana não pode ser circunscrita apenas no campo da religião. Inclusive lê-la assim ou pensar que terreiros são apenas espaços religiosos é um grande equívoco plantando pelo Ocidente nas nossas cabeças. Mas ela pode (sim) ser acessada através dos terreiros e de todo o encantamento que é produzido através dos rituais que as religiões africanas e afrodiáspóricas preservaram em meio a tantos ataques e violências.

³⁷ Música: Bença - Djonga. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vItmJnY-waY>>.

No fundo, sabemos, atacam-se terreiros por serem espaços de produção de vida, que contrariam a lógica da escassez e rompem com o encapsulamento de um modo que se quer único. Os terreiros como matrizes e motrizes geradoras de vida alargam subjetividades, credibilizam outras inscrições e recuperam possibilidades de um mundo outro. Nesse sentido, contrariam a política estatal dos assassinatos, que não suporta alegria, a criação, a celebração da vida, inclusive por aqueles que sobrevivem (encantaram-se) ou encruzaram a *Kalunga* (ancestrais). É por essa razão que esses saberes são potentes na emergência de narrativas múltiplas, encruzadas, fronteiriças e transgressoras, que esquivam e revidam tal política de achatamento simbólico do imaginário popular praticando territórios não encantados pela política, pela ciência e pela filosofia dominante e propondo feitiços para imacumbá-los. (Haddock-Lobo & Rufino, 2020, p. 19)

Aprendi com o paradigma da afrocentricidade que o racismo se dá, entre outras fontes, pela recusa em reconhecer ou pela desvalorização da agência política-cultural africana na vida das populações africanas e diaspóricas (Asante, 2009). Entendi que sem uma referência de África sincera, como um continente que teve seu desenvolvimento cultural, político, econômico e social barrado e expropriado pelo continente Europeu, porém anterior a isso muito contribuiu para a história da humanidade e hoje procura resgatar os fragmentos dessa devastadora colisão, a negação segue em campo, em ambos os times, da negritude e da branquitude. Operando assim, o dilaceramento de existências, de dentro para fora no caso da negritude e de fora para dentro, no da branquitude.



Curso de Filosofia Africana com Katiúscia Ribeiro. Grande parte do Coletivo Psicopreta participou e está na foto.

Essa pedagogia produzida pela própria existência é algo vivo e constante, se questiona, se reinventa, se amplia e se complexifica, do mesmo modo, se desfaz se necessário. Assume e sustenta as colocações que as problematizações lhe tensionam. E só foi viável através do encontro entre a vida cotidiana e aprendizagens colhidas ao ingressar na universidade. O desfazer, ou o “desconstruir”, foi vivido como tensionamento às epistemologias e lógicas (re)produtoras de violências e estigmas e como ponto de análise de implicação. Desfazer/desaprender da/a violência naturalizada. Desfazer-me da armadura pesada da negação, que até pode proteger, mas há um custo, por vezes, caro de mais. Gosto da noção que a psicóloga Sofia Favero apresenta em relação a Psicologia Social, entendendo essa abordagem como importante instrumento dentro de pretensas certezas universalizantes, cisheteronormativas, racistas, classistas, LGBTTQIA+fóbicas, machistas. Desfazer é um ato.

[...] então, sim, a psicologia social tem esse costume de “desfazer coisas” que faz com que as outras áreas digam: como assim, vai sair e deixar isso tudo bagunçado? Como se o ato de desfazer algumas coisas fosse muito pequeno ou não representasse também uma mudança, às vezes tímida, de paradigmas. (Favero, 2020, p.119)

Trouxe esses relatos, embora a dificuldade em tê-los abreviados, para falar dos espaços e afetos essenciais nesse meu encontro com a negritude, que embora fabricado em outros recursos além-negação, sempre esteve sendo movimentado. Afirmo meu posicionamento na via de não estabelecer um jeito certo ou um receituário de como resistir às violências raciais. Para mim, foi nos pagodes, na escola, com amizades, família, através da arte e dos coletivos. Foi escutando, enquanto uma ferramenta política, as histórias da minha família, visitando álbuns de fotos, vivendo os pagodes, as terreiras, coletivizando, estudando, lutando nas ruas, que pude produzir minha relação singular com a história da cor do céu da minha pele, bem como aprendi a pedagogia das resistências. Relação viva, singular e em constante atualização.



Fotografia: Sozinha não dá. Fotógrafa: Helen Salomão.³⁸

Fiz da escrita deste ensaio, entre o vasto repertório da resistência que fabrico diariamente, mais uma possibilidade de afirmar minha existência. Assentar o meu lugar de sujeito. Transgredir os processos necropolíticos. Do mesmo modo, as narrativas da pesquisa *Necropolítica e População Negra: problematizações sobre racismo e antirracismo e seus desdobramentos em tempos de pandemia e pós-pandemia da Covid-19*, tiveram função similar. Antes de apresentá-las, concluo afirmando, assim como a professora e transativista Letícia Pereira Nascimento decreta em sua escrita, que viver é um ato de rebeldia e “mesmo que parte de mim morra cada vez que um dos meus e das minha morre, nós vivemos sempre na resistência coletiva dos nossos.[...] Por isso, eu decreto: EU NÃO VOU MORRER!” (Nascimento, 2020b, p.20)

³⁸ Fotografia: Sozinha não dá. Fotógrafa: Helen Salomão. Disponível em: <<https://mungunzadigital.com.br/produto/sozinha-nao-da-01-foto-helen-salomao-2/>>

9. NARRATIVA-DIÁLOGO PESQUISA

Aziza é uma mulher preta, cisgênera e bissexual de 69 anos. Chega para a entrevista (pesquisa) com um sorriso-olhar tímido e sereno. É muito especial o modo como geralmente pessoas negras mais velhas olham para pessoas negras mais novas ainda mais em contextos que produzem sentidos e circulam afetos. Aziza se apresenta assim: "Sou uma mulher preta, aposentada, minha religião é Candomblé ketu. Sou Ìyálòòrísá. Tenho Egbé aberta no RS. Faço faculdade de artes. Durante o dia leio muito, costuro, jogo búzios, faço videoconferências, cuido do meu filho gato. Brincadeiras à parte, tenho dois filhos e netos. Além dos filhos-de-santo. Hoje em dia também faço máscaras para distribuição gratuita." Pensei comigo que o lugar da escuta de quem pesquisa é sempre um desafio, fazendo-me recordar a escuta clínica. Como não escapar um sorriso que insinua vínculo? Como não sinalizar com o olhar que aquilo produz boas sensações?

Sobre o isolamento devido a pandemia, Aziza relata que: "O isolamento não me afetou em demasia porque vivo sabendo quem sou e o que desejo. Sou estável emocionalmente mas experimentei momentos de rever situações passadas. Momentos com filhos, amigos e parentes. Houveram momentos em que chorei de saudades pensando neles e senti profundo desejo de poder retornar aquele exato momento. Senti que tomar decisões, fazer escolhas sempre implica em desagradar alguém, mas avaliei que fiz o meu melhor naquela época e não mudaria nada. Amo ler, pus leituras em dia e aprofundei conhecimento nas relações negras e as nuances do preconceito. Descobri quanto era ignorante e quanto somos enganados e privados com rituais cotidianos que não pertencem a nossa cultura mas que calam nossa boca com aparente legalidade ou normalidade. Percebo que estar só é extremamente salutar mas que a maioria não consegue estar consigo mesmo por problemas pessoais e sociais. A vida como valor maior merece sua inteira valorização. A vida é longa mas o tempo curto. Sinto falta de conviver com meus filhos e netos evidente. Mas entendo a necessidade do resguardo. Há que se ter criatividade e transitar em nossas morada com especial carinho por tudo que construiu. Amo minha casa e nela encontro paz e sossego, cada canto tem uma história e ela oferece muito a ser feito."

Sua casa tem sido reduto pessoal e contra a pandemia, mas ela ressalta uma grande dificuldade: "lidar com o medo de me contaminar, com a insegurança com o futuro já que meus filhos perderam o emprego, minha irmã está tentando uma aposentadoria. Mas principalmente a angústia de viver num país que tem como política o desprezo pela vida das pessoas. Saber que grande parte da população está desempregada e ter noção do quanto isso vai refletir nas condições de vida e perspectiva de futuro dos jovens negros, que são os mais atingidos." A cada palavra de Aziza eu lembrava algo, relacionava com algo e sentia algo. Cabia tanta gente que eu conheço no seu relato, tantas sensações familiares e ao mesmo tempo diferentes. Queria saber mais sobre Egbé e falar que sou filha de Yemanjá Bocí. Falar que amo gatos embora não tenha nenhum. Perguntar com que autoras/es ela dialogou em suas leituras sobre "relações negras". Falar que sentia muito pelo desemprego da família dela e que passava por situações parecidas na minha família também.

Lembrei das palavras do meu professor que diziam muito sobre aquele momento: "Quando falamos da construção de objetos em qualquer especialidade dita científica, costumamos descartar certos elementos de nossa experiência os quais são considerados demasiado incertos para fazerem parte da constituição do campo de pesquisa e/ou intervenção: sensações, afetos, experiências singulares, possibilidades nebulosas, tensões incoerentes, etc. No entanto, toda essa nuvem virtual de sutilezas é parte fundamental de nossa articulação mundana, dando concretude aos nossos encontros com o mundo. Como falar destes elementos em nossas pesquisas?"³⁹

Percebi que a casa era um lugar-sujeito muito importante na vida de Aziza e seguimos o assunto por essa via. Ela disse que o quarto que era de seus filhos é quase uma caixa de lembranças, embora vazia. Talvez um túnel do tempo que leva-a a diversos momentos já vividos. Aziza conta que na idade de seus filhos a vida dela era muito difícil. Naquela época constantemente passava na sua cabeça: "o medo de não conseguir e sentir um fracasso que o racismo já atribui às pessoas negras, que sempre ouvi por ter crescido muito pobre." Naquele tempo já havia conhecido o pai de seus filhos. Os dois eram muito unidos, inclusive faziam desse amor-união estratégia de sobrevivência dentro da cruel realidade que a cor escura da

³⁹ Citação direta. Costa, Luis Artur. (2014). O corpo das nuvens: ousos da ficção na Psicologia Social. *Fractal: Revista de Psicologia*, 26(spe), 551-576. Epub 00, 2014. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1317>

pele lhes impunha, Aziza relembra: “todos os dias eu ia buscar meu marido a pé onde ele descia do ônibus por conta dele soltar 22h e ser negro, então como casal, mesmo que negros, os riscos diminuem, o que me fazia caminhar quatro quadras a noite com medo por ser mulher. Mas ia mesmo assim, meu marido na época com 24 anos, o receio era grande pois poderia tomar ataque e apanhar ou ser confundido com bandido e ser preso.” Respondi perguntando, ainda que sabendo a resposta, como pode o racismo ser tão cruel. Ela também sabia a resposta: “Sim, tudo isso por conta de racismo, sou negra e retinta. Infelizmente sofri isso diariamente.”

Aziza também tinha histórias difíceis sobre a infância dos filhos. Sobre o filho mais velho, Ngozi, conta: “ele foi abordado pela primeira vez em um mercado quando tinha 8 anos com o uniforme da escola, eu estava próxima escolhendo um produto. Como mulher, percebo o racismo de maneira menos violenta como percebo com meu filho que mesmo criança e depois adolescente era um menino negro alto. A sociedade parece tolerar os meninos negros quando são pequenos, após os 10 anos eles perdem o direito a pré-adolescência e adolescência (como os brancos) e viram alvo. Essa preocupação me atinge ao pensar nos meus filhos, netos e meus amigos, que são negros, numa sociedade em que já está dado quem vive e quem morre. Talvez não seja uma preocupação que afete a maioria das pessoas brancas, mas acho que os homens negros são os mais afetados com essa política, pois pra mim isso se trata de uma política.”

As dores do passado não anulam as atuais, sempre atravessadas pelas peles retintas alvo de tantas injúrias. A filha Niara durante a pandemia ficou desempregada e passou por uma situação muito dura. Em uma ligação com a mãe, Niara conta sobre: “eu estava na casa de favor, me sentindo na obrigação de fazer/ajudar nos “deveres” domésticos. Fui apresentada para uma amiga da dona da casa como “aquela que ela vai colocar no tronco se não se comportar”. Não só para a amiga, mas para parentes e até mesmo para uma vizinha negra que ficou sem reação. Os favores em ajudar na casa, por não ter uma renda para ajudar financeiramente, se tornaram um peso, crises de ansiedade (eu passei a ter crises ao ter que lavar TODA a louça, antes eu ajudava, aos poucos apenas deixavam tudo para mim e como eu estava de favor...). Porém reclamar disso seria injusto pois me acolheram e ajudaram quando

fui despejada e eu finalmente ouvi e entendi o peso da frase “você é quase da família, come na mesa com a gente”... Foi uma tortura psicológica, mãe...”

A mãe chora com o relato. Segue: “Niara é umbandista. Ir às giras junto a um tratamento especializado tirou ela de uma depressão. Estar na Casa e fazer parte de todo aquele círculo de amor e caridade lhe fazia muito bem. Com a pandemia, a Casa fechou (sem previsão de volta, pois o abraço, conversa ao pé do ouvido fazem parte dos encontros) e isso foi impactante fazendo-a estremecer um pouco. Quando adolescente, teve uma fase de negação. Somente depois de ser mãe, Niara se reaproximou da religião. Ela conta que de 2015/16 para cá tem procurado a Umbanda como um refúgio. Isso também lhe deu força para assumir uma postura mais comprometida com a luta racial, acreditando que passa pela nossa ancestralidade.”

A disponibilidade à escuta gera interlocução. Que proposta ética de escuta estava posta ali, naquele encontro, que permitia que a represa das dores do racismo rompesse e viesse com tudo? Quais elementos permeavam e sustentavam aquele território de palavras-vivências (ou escrevivências) que mesmo tão breve era tão intenso e pujante? Que poder de circular palavras e afetos se inscrevia, se alocava e fazia morada ali? Sigo sem conseguir nomear, mas fazia com que quiséssemos, por mais dolorido que fosse, continuar falando e ouvindo. Fugindo às pretensas normas de pesquisa e a-firmando vínculo com o olhar, com o franzir de sobancelhas que se indigna, com o balançar de cabeça que desaprova tudo o que o racismo faz conosco, com o marejar de olhos que era marca-intervenção-reconhecimento de um mundo que vinha sendo (e quase sempre foi) muito cruel e, acima de tudo, com sorrisos-olhares que encontravam felicidade.

Aziza sabia exatamente o que seus filhos passavam devido ao racismo. Era algo onipresente. “Em 1986 quando entrei na faculdade, eu e colegas negras denunciemos o racismo que passávamos em nosso curso, fizemos uma carta aberta ao reitor denunciando, fomos convidadas para falar em diversos espaços da universidade. Posterior a isso, muitos professores e colegas arrumaram outras formas de nos hostilizar, percebo por exemplo que convites para escrever artigos, projetos nunca chegaram até mim, diferente de outros colegas

brancos que vez ou outra perguntavam "você vai participar daquele projeto que o professor criou?", momento em que descubro que nunca fui convidada, mesmo tendo pesquisas no tema. O mesmo acontece com bolsas de pesquisa em projetos, sempre foram repassadas aos alunos/as brancos. Às vezes me arrependo de ter tentado a seleção porque sabia que apesar de ganhar uma bolsa de desconto 100%, estudar em uma universidade privada seria isso mesmo. Tem momentos que me sinto culpada por ter feito a denúncia de racismo, pois fiquei marcada como a "aluna problemática", a "militante", a "barraqueira", houve uma reunião que um professor disse que o que escrevi era mentira. relatei a coordenadora e ela disse que sabia da verdade e que chamou a atenção dele após a reunião, mas foi isso, o agressor me constrangeu em público, mas foi chamado a atenção em particular. Mas nas minhas reflexões penso que ser mulher negra consciente do racismo estrutural tem seu preço e, para mim, foi melhor me manifestar, mesmo sabendo que não mudaria nada, do que pensar que outra mulher ou homem negro poderia entrar no curso e achar que está sozinho/a, que nunca ninguém se manifestou ou se indignou. Como alternativa para baixar a poeira da denúncia, colocaram uma professora negra no curso, pós-doutora, 13 anos na universidade e só depois da denúncia é que colocaram ela em um PPG. Por um lado é uma vitória, por outro, me preocupo com o que ela deve passar com esses professores, pois ela me relatou que quando foi aluna do curso, passou por situações iguais a minha.”

Quis contar que no meu primeiro ano de graduação, após uma discussão com toda a turma, disparada por uma colega branca, meus colegas brancos fizeram um grupo no Whatsapp onde falavam como as/os colegas “cotistas” (leia-se negras/os visto que os cotistas brancos também faziam parte do grupo e negras/os não cotistas ficaram de fora) eram agressivas/os e inclusive tinham medo que nós os “linchássemos”. Ora se não eram as/os herdeiras/os dos linchamentos históricos contra pessoas negras. E vamos de negação-projeção. Lembro-me da dor que foi. Quis falar que 35 anos depois as coisas pareciam, tristemente, tão similares. Mas que foi isso um dos marcos fundantes do coletivo negro que viemos fundar no ano seguinte, como reação e ação contra toda e qualquer humilhação de cunho racial, um lugar de acolhimento e circulação de afetos, onde iríamos aquilombar esperanças e construir mudanças no currículo e nos corredores tão dinâmicos do curso de Psicologia da UFRGS. Aziza faria parte do Coletivo Psicopreta comigo e tantas/os outras/os colegas negras/os se por um

descuido fizéssemos faculdade juntas, porque era questão de diferentes décadas, as lógicas racistas continuavam as mesmas. O Psicopreta sendo não só um coletivo que se opunha ao racismo e cuidava das feridas produzidas por ele dentro do espaço acadêmico, onde foi gestado, mas como espaço de encontro e afirmação da negritude. Espaço de vida, cuidado e promoção de saúde. Espaço que recusava o desejo colonial de destinar à negritude somente o lugar do sofrimento.

Aziza também teve seus espaços de acolhimento coletivo e sobre esses diz que: “foram momentos muito importantes e lembro das sensações com facilidade. É um momento onde sinto mais forte que não estou sozinha, e me dá mais propósito de viver. Tínhamos um grupo de amigos e outro de professoras que trabalhavam o tema através de leituras, discussões de textos e reuniões. Trabalhei em uma creche e discutimos a manifestação disso desde a infância. Buscando nos instrumentalizar para conduzir situações, procurando ampliar nosso acervo com histórias infantis que representassem crianças pretas, buscando reformular o projeto identidade em todos os grupos, buscando fontes de leitura produzidas por pessoas pretas... O coletivo nos dizia que o caminho era difícil, mas era possível e que como nossos antepassados nós também seríamos resistência. Foi por causa desses espaços que eu e meu marido nos encorajamos a ter filhos mesmo sabendo da dureza da vida dos nossos”.

Se o racismo fazia-se onipresente, a resistência também se apresentava como tal. “Sigo o autocuidado, acendo vela, peço e agradeço aos meus orixás, porém em casa estou respeitando o isolamento, em respeito ao próximo. Sinto falta das canjiras. *Nosso terreiro é cruzado, se encanta no sopro das palavras, no riscar da pomba e no sacrificio que alimenta o solo... Fazemos rodas, praticamos esquinas, erguemos choupanas e cazuás, inventamos mundos*⁴⁰. Dá para se dizer que todas as felicidades e violências eu vivo com e por essa pele preta e no encontro com o mundo não é justo afirmar só sofrimento. Não vou dar esse gostinho ao racismo. Meus filhos são a continuidade e ao mesmo tempo pessoas completamente diferentes de mim e entre eles. São lindos e sensíveis e são felizes também”.

⁴⁰ Parte em itálico é citação direta. Simas, L. A. (2018). A Ciência Encantada das Macumbas/ Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Mórula.

No vai-e-vem das lembranças, Aziza fez questão de contar. Anunciou que era difícil, mas que fazia sentido trazer ao território de palavras que estávamos vivendo e construindo. Era uma fala de Niara na mesma ligação já citada. Foi mais ou menos assim: “Esses dias eu chorei. Solucei chorando sentada no sofá da sala, mãe. Não fazia isso desde a morte do meu pai (há mais de 20 anos). Não tinha motivo aparente nenhum. Mas me ajudou. Acho que preciso chorar mais.” A fala da filha convidava a mãe a um lugar ainda inexplorado, embora tão familiar pelas forças do efeito-receio. O luto, a morte. A perda do marido. O racismo que é fatal e sórdido. Sem espaço para reconciliações. À família sempre faltou palavras para falar sobre o ocorrido. Aziza e Niara buscavam e encontravam no Candomblé e na Umbanda a força necessária e o acalento que acolhesse tanta dor. Aziza diz sobre a Matriz Africana: “A morte é lida como espiritualidade e não como conceito em oposição à vida. Assim, para a perspectiva da ancestralidade só há morte quando há esquecimento, e para a perspectiva do encantamento (das macumbas) tanto a morte quanto a vida são transgredidas para uma condição de supravivência”⁴¹. Porém ainda sofrem pelo fato de: “negros da periferia serem sempre acusados depois de mortos de fazerem parte do tráfico” e com seu marido/pai não ter sido diferente. Ngozi havia perdido a fé, mas os movimentos sociais de negras e negros lhe faziam muito sentido, “tinha como um ponto de força e acolhimento” e sobre o pai só falava que “se deus existir, não é ele que manda os pretos e pobres morrerem na favela.”

Naquele momento, choramos eu e Aziza (e Ngozi e Niara e todas/os que nos habitam). Tentei indicar com o olhar e com o corpo que ali estava a narrativa tão difícil e aparentemente inexplorada e que vinte anos depois cabiam novos sentidos e significantes que talvez não coubessem vinte anos antes na mesma história. Portanto, era outra história, outra narrativa e outra narradora. Entre o aquilombamento, o terreiro, os estudos e a família, nosso encontro florescia sendo ele outro espaço para irrigar a vida. Produzindo, reinventando e ampliando sentidos, vivências e afetos. Sobrevivendo e vivendo. Eu. Aziza. Ngozi. Niara. E tantas/os outras/os.

Na impossibilidade de cantar, dançar, encantar mundos e reinventar a vida nas giras, Aziza trouxe para o nosso território de palavras vivências (e agora cantos) uma música. Olhou

⁴¹ Citação direta. Simas, L. A. (2018). *A Ciência Encantada das Macumbas*/ Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Mórula.

tímida para lugar nenhum, como num gesto de buscar coragem. Lembrei de Conceição Evaristo juntando as palavras coragem e medo num de seus contos e fez tanto sentido. Acho que coragem e medo nunca se separam. E viver a experiência da negritude no Brasil demanda isso de nós. Para sobreviver e, especialmente, viver. Medo para sobreviver e coragem para viver. Coragemedo.

*Fui chamado de cordeiro mas não sou cordeiro não
Preferi ficar calado que falar e levar não
O meu silêncio é uma singela oração
Minha santa de fé
Meu cantar
(Meu cantar)
Vibram as forças que sustentam o meu viver
(Meu viver)
Meu cantar
(Meu cantar)
É um apelo que eu faço a Nãnaê*

*Sou de Nanã, euá, euá, euá, é
Sou de Nanã, euá, euá, euá, é
Sou de Nanã, euá, euá, euá, é
Sou de Nanã, euá, euá, euá, é*

*O que peço no momento é silêncio e atenção
Quero contar o sofrimento que eu passei sem razão
O meu lamento se criou na escravidão
Que forçado passei
Eu chorei
(Eu chorei)
Sofri as duras dores da humilhação
(Humilhação)
Mas ganhei, pois eu trazia Nãnaê no coração*

*Sou de Nanã, euá, euá, euá, é
Sou de Nanã, euá, euá, euá, é
Sou de Nanã, euá, euá, euá, é
Sou de Nanã, euá, euá, euá, é
Sou de Nanã, euá, euá, euá, é
Sou de Nanã, euá, euá, euá, é*

...

REFERÊNCIAS

- Asante, M. K. (2009). *Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar*. In Nascimento, E. (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro.
- Bento, M. A. D. S. (2002). *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- Carneiro, S. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005 (Doctoral dissertation, Tese de doutorado (Educação)).
- Césaire, A. (2020). *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta.
- Costa, L. A. (2020). *A Escuta (part. 1) - A Clínico-política do escutar as experiências*. Disponível em: <<https://anchor.fm/l-a-costa/episodes/A-ESCUTA-parte-1---A-CLNICO-POLTICA-DO-ES-CUTAR-AS-EXPERINCIAS-ejuamg>>.
- Fanon, F. (1979). *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Faustino, D. M. (2018). *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro*. 1. ed. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial.
- Faustino, D. M. (2018). Prefácio. in: *Violência e Sociedade: o racismo como estrutura da sociedade e a subjetividade do povo brasileiro*/ Maria Lúcia da Silva, Márcio Farias, Maria Cristina Ocariz, Augusto Stiel Neto (org.). São Paulo: Escuta.
- Faustino, D. M. (2020). *Os condenados pela Covid-19: uma análise fanoniana das expressões coloniais do genocídio negro no Brasil contemporâneo*. In: Buala. Disponível em: <<https://www.buala.org/pt/cidade/os-condenados-pela-covid-19-uma-analise-fanoniana-das-expressoes-coloniais-do-genocidio-negro?fbclid=IwAR2-nRuVhOB6tqxo2qAVxwzmbCtvc a2Gj5H4Xk9UZCn9AwRmwJ03nFqEJ2k>>. Acesso em 09 de outubro de 2020.
- Favero, S. (2020). *Pajubá-terapia: ensaios sobre a cisnorma*/ Sofia Favero. Porto Alegre: Nemesis Editora.
- Ferreira, A. P. M. (2018). *O encontro da escrita com as vivências negras: uma análise de implicação*. Salão de Iniciação Científica (30. : 2018 out. 15-19 : UFRGS, Porto Alegre, RS) Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/192262>>
- Foucault, M. (2008). *Segurança, território e população*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. (1967). *Obras Completas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- Evaristo, C. (2006). *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza.
- Evaristo, C. (2016). *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional.
- Evaristo, C. (2017). *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Malê.

- Gonzalez, Lélia. (1988). *A categoria político-cultural da Amefricanidade*. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93. 1988b, p. 69-82.
- Haddock-Lobo, R. & Rufino, L. (2020). *Apresentação*. In Filosofia e Macumba. Revista Cult, ed. 254.
- hooks, b. (2017). *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade/ bell hooks*; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 2 ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- IBGE. (2019). *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil*. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>> Acesso em: 17 nov. 2020
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação. Episódios do Racismo Cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lourau, R. (1995). *A análise institucional*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lorde, A. (2019). *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Autêntica Editora.
- Mbembe, A. (2020). *O direito universal à respiração*. Tradução Ana Luiza Braga. Publicado em: <https://n-1edicoes.org/020>. Acesso em: 10 abr. 2021
- Mbembe, A. N. (2016). *Necropolítica*. Arte & Ensaios. Rio De Janeiro, (32), 123-151.
- Mbembe, A. N. (2018). *A Crítica da Razão Negra. / Achille Mbembe*; traduzido por Sebastião Nascimento. - São Paulo: n-1 edições.
- Melo, C. V. G. (2014). *Estratégias de enfrentamento de pessoas negras e com deficiência frente ao duplo estigma*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia, Salvador.
- Migliavacca, A. M. (2017). *A negritude e o universal africano*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/negritude-e-o-universal-africano/>>. Acesso em:
- Nascimento, A. (2020a). *Documento I*. In Nascimento, A. O quilombismo. Editora Perspectiva SA.
- Nascimento, A. (2009) *Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira*. In Nascimento, E. (Org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro.
- Nascimento, A. (1978). *O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Guerra.
- Nascimento, L. C. P. (2020b). EU NÃO VOU MORRER. *Revista Inter-Legere*, 3(28), c21581-c21581.
- Nascimento, M. B. (1974). *Por uma História do Homem Negro*. In: RATTTS, Alex. Eu sou Atlântica: sobre a Trajetória de Vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa

Oficial/Kuanza.

Noguera, R. (2018). *Dos condenados da terra à necropolítica: Diálogos filosóficos entre Frantz Fanon e Achille Mbembe*. Revista Latino Americana do Colégio Internacional de Filosofia, (3), 59-73.

Nogueira, R. (2014) *Ensino de filosofia e a lei 10639*. Rio de Janeiro: Editora Pallas.

Ocariz, M. C. e Neto, A. S. (2018). *Apresentação*. in: *Violência e Sociedade: o racismo como estrutura da sociedade e a subjetividade do povo brasileiro*/ Maria Lúcia da Silva, Márcio Farias, Maria Cristina Ocariz, Augusto Stiel Neto (org.). São Paulo: Escuta.

Ohnmacht, T. D. M. (2019). *Do laço social ao corpoema: enlaces entre negritude e psicanálise*.

Paulon, S. M. (2005). *A Análise de Implicação como Ferramenta na Pesquisa-intervenção*. Psicologia & Sociedade, 17 (3), p.18-25.

Portal Geledés. (2010). Luíz Gama. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/luiz-gama-quanto-vale-um-homem/>.

Quijano, A.(1992). *Colonialidad y Modernidad-racionalidad*. In: BONILLO, Heraclio (comp.). Los conquistados. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; CLACSO, p. 437-449.

Rose, N. (2008). *Psicologia como uma ciência social*. Psicologia & Sociedade, 20(2), 155-164.

Santos, M. (2020). *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. /Milton Santos. - 30ª ed. - Rio de Janeiro: Record.

Souza, T. de P., Damico, J. G., & David, E. de C. (2020). *Paradoxos das políticas identitárias: (des)racialização como estratégia quilombista do comum*. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, 42(3), e56465. <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v42i3.56465>

Veiga, L. M. (2019). *Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta*. Fractal: Revista de Psicologia, 31(SPE), 244-248.

Veiga, L. (2018). *As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil*. Tabuleiro de Letras, 12(1), 77-88.